

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

GLEIDE GUIMARÃES
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - História e memória das comunidades de Manguinhos

Entrevistada - Gleide Guimarães (GG)

Entrevistadores - Tania Maria Fernandes (TF), Renato Gama-Rosa Costa (RG), Fábio Souza (FS), Michele Soares (MS) e Silvana Nascimento Modesto

Data – 08/03/2004 a 12/04/2004

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração –3h20min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

GUIMARÃES, Gleide. *Gleide Guimarães. Entrevista de história oral concedida ao projeto História e memória das comunidades de Manguinhos*, 2004. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 75p.

Data: 08/03/2004

Fita 1 – Lado A

TF – Entrevista com Gleide Guimarães para o projeto História e Memória das Comunidades de Manguinhos. Dia 8 de março de 2004, com os entrevistados: Tania Fernandes e Renato Gama-Rosa. Fita número 1. Gleide, então a gente vai hoje conversar sobre a sua... sua vida, aí nessas comunidades de Manguinhos. Fala pra gente um pouco da sua infância. Como é que você chegou aí...

GG – Bom, eu cheguei aqui, é... março, nove de março. Amanhã vai fazer... Quantos anos? [19]69. Nove de março de 69. Minha mãe estava morando aqui, recém-casada com meu padrasto e eu estava internada em Petrópolis e vim pra cá com 11 anos. E nós fomos morar na rua Novacape, no Beco do (inaudível), lá na Vila Turismo. E... E minha mãe morava no terreno... da sogra, ela ‘tava grávida do meu irmão Robson e depois ela se desentendeu com a família... se aborreceu com a família e saiu de lá e fomos morar na casa da minha tia, na verdade tia dela. Mais pra frente, próximo à Democráticos [Avenida dos Democráticos]. E a minha mãe tem até uma história meio de peregrino por dentro de Manguinhos. Quando nós saímos de Vila Turismo, fomos pra o CHP2 [Conjunto Habitacional Provisório 2], de lá nós saímos para... É o meu padrasto comprou uma casa atrás da Escola (inaudível) Negrão de Lima. Moramos ali um tempo, na enchente de [19]72 a gente estava morando ali. A gente tinha acabado de sair dali. Nós escapamos da enchente porque nós fomos pra Coréia, que é a CHP2 também perto do Campo Gabriel. E lá, a casa que a gente estava morando, ela encheu tanto que as pessoas ficaram sentadas no forro com as pernas dentro d’água. E onde nós estávamos, encheu sim, mas não tanto. Encheu porque eu saí de casa com o meu irmão no colo, o outro arrastando... segurando a barra da minha saia. A barra da minha saia molhando e o outro irmão, maiorzinho, andando também porque a água subiu, os dois rios¹ se encontraram; a água subiu muito. Da Coréia minha mãe trocou de casa, era um barraco, minha mãe trocou pra rua Jacinto... e aí quando eu tinha 16 anos eu engravidei, fui morar na casa da minha sogra e a minha mãe foi pra Santa Cruz. Quer dizer, a minha mãe rodou um pouco por dentro de Manguinhos e eu com ela. E aí depois quem começou a rodar fui eu. Eu morei 7 anos com a minha sogra, 7 anos na rua São Daniel. Da rua São Daniel, nós... fomos... morarmos... recolocados – era o termo que se usava na época – no... no... recém inaugurado Conjunto Nelson Mandela, onde eu fiquei até o mês passado, quando eu saí pra o Samora Machel². Quer dizer, tô desde 69 rodando nessa região.

TF – Quais as mudanças que você pôde presenciar durante essa tua caminhada nessas comunidades? Então você chegou lá em 69...

GG – Mil novecentos e sessenta e nove. Nove de março de 1969. Não dá pra esquecer porque foi no dia seguinte ao aniversário da minha mãe. Eu ainda... ainda peguei o resto do

¹ Refere-se aos rios Faria-Timbó e Jacaré.

² Refere-se a outra comunidade do Complexo de Manguinhos

bolo que a minha tia tinha feito. Ficou muito marcado. Bom, deu pra perceber o seguinte, de 69 até 91 quando a gente saiu pra o Nelson Mandela, eu percebi muitas é... remoções de dentro da Favela de Manguinhos pra vários lugares, vários pontos do município do Rio de Janeiro. Já, se não me engano, em 69 e em 70, saíram faixas de... de... de moradores, interessante é que saíam os moradores, as casas ficavam e eles (inaudível) de novo.

TF – Você está chamando de faixa Manguinhos, tudo, o conjunto todo? Ou você está nomeando o que a gente conhece como Manguinhos mesmo?

GG – É, é o que a gente conhece como Manguinhos. Essa parte das... das 13 comunidades hoje que a gente está trabalhando como Manguinhos. É, já em 69 e 70, saíram... é... é... faixas de moradores ali da Estrada de Manguinhos porque enchia muito, durante, às vezes, tinha enchente, aquilo é num fundo de bacia, a Estrada de Manguinhos e o encontro com a Avenida dos Democráticos, aquele pedaço ali é muito... agora não, tá bastante aterrado como nós vimos aquela casa que se entra praticamente pela janela, né? Mas aquilo enchia muito. Dali saíram moradores pra o conjunto da Cidade Alta de Cordovil, pra Estrada do Quitungo, pra Estrada Guaporé... e..., é, nessa ocasião saíam pra ali. Mais tarde houve outras remoções, saindo da Cidade de Deus pra Vila Kennedy, pra... Padre Miguel, pra... Santa Cruz, pra (inaudível)... Quer dizer, eu... eu vi muitas famílias sendo transferidas de Manguinhos pra fora... pra dentro do município, mas pra pontos bem distantes, mas o que eu achei interessante é que nem sempre as... as remoções implicavam em que aquele lugar não fosse... novamente habitado. Quer dizer, as famílias saíam, mas ficava lá o lugar e muitas das vezes até as casas, mesmo, ficavam do mesmo jeito e aí... entravam outras pessoas. Agora, vi obras acontecerem: a Estrada de Manguinhos ela subiu muito, eu vi uma grande obra, que eu não sei o nome que se dá – talvez o Renato possa ajudar – no encontro da Estrada de Manguinhos com a Avenida dos Democráticos, na parte... no encontro mesmo, é... fizeram um buraco muito, muito grande e ali fizeram, não sei se uma estação de tratamento de esgoto, não sei o que é aquilo.

RG – Aquele negócio é drenagem.

GG – Isso. Uma obra que durou bastante tempo, um buraco muito fundo, mas parece que deu uma melhorada naquela área. E também os constantes aterros, né, desde as famílias vindas da própria casa como as ruas sendo aterradas ou obras foram feitas. Eu vi a construção do CIEP JK³ que não havia nessa época... É... a própria construção do conjunto Nelson Mandela e do conjunto Samora Machel, aí deu pra gente acompanhar... né... toda... desde a terraplanagem, desde a aquisição do terreno, terraplanagem... a gente acompanhou tudo isso.

TF – Essas comunidades são vizinhas. Conta pra gente qual é a diferença entre as duas.

GG – Bom, a... a diferença está basicamente na... na... na... forma... de... de... de... como foram negociadas as... a aquisição desse terreno, porque na verdade, quando a prefeitura adquiriu, fez a permuta com a Embratel e adquiriu o terreno, ela adquiriu o terreno todo, do

³ CIEP Juscelino Kubtscheck.

Nelson Mandela e do Samora Machel. Mas ela tinha pressa pra construir por conta dos moradores da adutora, a CEDAE pressionava porque tinha que retirar os moradores porque tinha que fazer a reforma da adutora porque ela descobriu que há mais de 40 anos ela não fazia. Se rompesse, segundo o que eles mesmos dissessem... disseram na época, poderia acontecer aqui... um acidente tão grave quanto foi aquele da Vila São Cosme São Paulo, né... e aí eles tinham pressa em fazer essa reforma. Isso ‘tava tratado.

RG – E o terreno era da Embratel.

GG – Era da Embratel. O terreno era da Embratel.

TF – Aquele terreno que fica atrás da Embratel.

GG – Isso. Essa faixa toda do Nelson Mandela e Samora Machel, pertenceu à Embratel. E aí eles... é... havia essa pressa, essa pressão da CEDAE pra construir. A princípio, todo esse terreno do Nelson Mandela, seria constru... seriam constru seriam construídas casas só para os moradores da adutora, que corriam risco, ‘tavam em área de risco dentro do CHP2 em Manguinhos. Mas... isso até as enchentes de 88. Vinha sendo negociado para os moradores da adutora, mas com as enchentes de 88 que arrasou com a cidade toda, o terreno que já estava negociado, mas ainda não tinha sido, tinha começado nem a terraplanagem, ele foi invadido por muitos e muitos moradores de vários lugares. Do... do Jacarezinho, do Arará... do... do em torno mesmo e de outros, de outros lugares. Porque aí, um conta pra o outro, até de longe, de Bonsucesso, de Inhaúma, de outros lugares. É... e aí criou um... problema, um problema porque corremos o risco de perder a possibilidade de morar naquele lugar e a gente já vinha negociando já desde 83, quando houve o acidente lá com um furinho que teve lá na adutora que fez um esguicho de 15 metros de água, um furinho pequeno, então a gente ficou com medo de que perdêssemos essa possibilidade de as nossas casas serem construídas ali. Porque Manguinhos já tinha sido tão sucateado, que os moradores já estavam cansados dessa história de tirar-nos dali e mandar pra Zona Oeste, pra Baixada e a gente sempre acabava voltando, as pessoas voltavam! Porque mandavam pra lugares que não tinham nada.

TF – Gleide, me fala o seguinte, quando você fala “nós, nós”, vocês tinham uma forma de organização, uma associação? Como é que era isso?

GG – Havia. Havia a Associação de Moradores do CHP2, sob o comando do seu Artur Lucindo Coelho e... um conjunto de outros presidentes de associação de moradores que fechavam com ele, que apoiavam o trabalho do seu Artur. E ele negociava com a CEDAE-PROFACE⁴, ele negociava com a Secretaria de Habitação, a Secretaria de Desenvolvimento Social e os moradores também é... apoiavam o trabalho do seu Artur. Foi um momento bom o trabalho da associação dos moradores nos anos 80. Então, quando houve essa invasão é... e aí fomos todos, né, discutir com as lideranças que coordenavam essa invasão... o consenso que se tirou é que ‘tava todo mundo no mesmo barco, agora não

⁴ Programa da CEDAE que visa inserir as comunidades carentes e/ou de favelas na distribuição regular de água do Rio de Janeiro.

era mais só uma área de risco por conta da adutora. Agora, não precisa (Inaudível) do casa mesmo por causa das enchentes. E na renegociação para ocupação do terreno, pra que se convencer as pessoas a sair porque aí o governo dizia: “Se não sair o pessoal de lá, a gente não constrói nada porque não tem condição.” Nessa negociação ficou acertado que outras comunidades viriam também ocupar, ganhar casas nessa... no projeto Nelson Mandela. E aí acelerou a construção...

TF – Outras Comunidades de fora dessa, desse em torno aqui...

GG – De dentro e de fora. De dentro de Manguinhos.

TF – E como é que se elegeram essa... essas... essas comunidades, como é que fizeram?

GG – Através da liderança comunitária né. Se identificava lá quem era líder da onde, os moradores se juntavam em torno dessa pessoa, fortalecia a liderança dessa pessoa e essa pessoa iria pra mesa de negociação, representando esses moradores. Depois a Secretaria... a secretaria ia cadastrar esses moradores. Cadastrava, via a situação de cada um e aí... depois de cadastrado... se acompanhava, né? É... é... fizeram vários cadastros, não foi um só. Porque... e... esse processo, ele é muito interessante, às vezes quem se cadastra, a princípio dizendo que ele é necessitado, se ele encontrar uma possibilidade melhor ele abandona a negociação. E quem realmente precisa ou que entende como rola o processo, ele acompanha, ele não perde o fio da meada. Então, tem reunião na Prefeitura no dia tal, ele tá lá. “Ó, agora reunião no dia tal...” Ele tá lá. “Ó, convocar os moradores todos pra Escola de Samba porque vai ter uma reunião.” Ele tá lá. Então acompanha esse processo e aí... é... a Secretaria também vai fazendo sucessivos cadastramentos pra ver como é que tá isso. Se realmente os necessitados (inaudível). Como se fosse um processo de decantação: vão peneirando, peneirando até chegar lá, né?

RG – Mas Gleide, essa... essa ocupação foi feita em duas etapas, não?

GG – Foi.

RG – A Nelson e a Samora.

GG – Foi.

RG – A mais próxima do Rio foi a primeira, não é isso?

GG – Na verdade...

RG – Ou do interior pra fora? Como é que é?

GG – A ocupação se deu da... do... da... Leopoldo Bulhões para a creche, até a creche, tá? Até a creche que tá bem no meio do conjunto. Aquele pedaço ali é a creche, bem no meio do conjunto. Essa ocupação, ela... ela... ela... foi, o... o... conjunto foi inaugurado dia 9 de

abril e foi ocupado dia 10 de abril, nesse primeiro momento. Se não me engano, são 13 anos que a gente está lá... faz 14 esse ano?

RG – Noventa.

GG – Isso, 90, né? Então, nesse primeiro momento. Por quê? Porque outro incidente que acelerou a ocupação foi quando nós viemos morar nessa primeira parte do conjunto, as casas tinham sido recém-construídas, recém-cobertas e não havia chovido, não havia sido testado pra saber se telha estava no lugar, se caía água dentro ou não... é... as ruas estavam asfaltadas, mas entre as casas, as vielas entre as casas não estavam asfaltadas, era barro mesmo... é... nós ganhamos, as casas estavam assim: não tinha água nas caixas d'água, não tinha luz nas casas, as portas não tinham chaves, as torneiras... as pias não tinham torneira, (inaudível). Isso foi no provisório. Por que isso? Porque entre a construção, o aprontar dessas primeiras casas e a... a... a data prevista por eles – que eu não sei qual foi – de ocupação do conjunto todo, houve uma segunda invasão por conta de um incêndio que houve no CHP2, no final do CHP2, com o João Goulart⁵. E isso aconteceu uma segunda invasão. Uma segunda invasão que... e... novamente pôs em risco, porque agora as casas já eram uma realidade, né, os moradores que estavam acompanhando o processo já viam a casa, já não é mais um sonho como na primeira invasão que era um monte de buraco, não tinha nem terraplanagem. Nessa segunda parte a casa estava pronta, era uma realidade. E isso assustou muito. E aí o que é que o governo fez? Aprontou rapidamente um lote de casas, retirou os moradores, pra... pra... basicamente de Manguinhos, mais alguns que estavam nos barracões, levou pra esse primeiro lote. E em outubro do mesmo ano ele ocupou o restante do conjunto. Que aí deu tempo de terminar... Porque as casas estavam todas prontas, mas faltava acabamento. Faltava pintura, acabamento. Porque nós fomos pra elas, esse primeiro lote já estava pintado, mas lá no final as casas ainda estavam no tijolo, né, nem emboço tinha.

RG – Quer dizer, outro terreno ali do meio que foi ocupado depois, ele estava vazio na ocasião?

GG – Não. Esse ponto aqui não. Até aqui, na verdade as casas estavam todas prontas até aqui atrás.

RG – Tá. Toda essa faixa aí.

GG – Mas até à creche estavam em condições de serem entregue, pelo menos, apesar de não ter luz, não ter água e tal. Pelo menos dava pra entrar pra dentro e providenciar isso durante a semana. Dalí pra dentro eles ainda estavam... e... assim, eu não sei bem como é que eles fazem, não sei se eles vão fazendo...

RG – As fundações, (inaudível)...?

⁵ A depoente refere-se a outra comunidade do complexo de manguinhos.

GG – É... não. A fundação estava pronta, a casa estava pronta, mas, por exemplo, dali pra trás tinha casa que ainda não tinha telhado... tinha casa que ainda não tinha sido emboçada, não tinha sido pintada... ou equipada com caixa d'água, com as louças do banheiro e tal... Então eles estavam aos poucos aprontando...

TF – Aí com o incêndio tiveram que ocupar imediatamente. É isso que você tá dizendo?

GG – Ocuparam rapidamente a primeira parte e continuaram as obras, inclusive tinha casa que estava servindo de depósito de material, lata de tinta, resto de entulho... ainda estava lá. Então aí, de abril até outubro aceleraram a... as obras das últimas casas, da creche pra o fundo, pra poder ocupar com o restante dos moradores.

TF – Você falou assim: vocês não tinham experimentado a casa, ainda não tinha chovido... Como é que foi a sua experiência com a chuva?

GG – Um desastre, eu perdi minha televisão. Porque (risos) a água caiu, que as telhas estavam rígidas, porque foi em abril final do verão, já tinha pegado... é começo do outono, né? Ainda estava aquele solão, então quando a água bateu, entrou água pra todos os cantos, por todo canto dentro das casas! E aí caiu água na minha televisão, teve gente que perdeu...

TF – Era direto a telha, não tinha laje.

GG – Não, nessas casas não têm laje! Elas não foram entregues pra nós com laje, é telha, telha...

RG – Um andar só, não é isso?

GG – Um andar só. É o embrião, né, chamado “embrião”.

TF – Quantos metros quadrados tinha essa casa?

GG – Eu não sei te dizer não.

TF – Quantos cômodos?

MS – Três.

GG – É, a... a... a princípio é um... um retângulo, né, que eles colocam assim uma... uma... sugestão de divisão, pra você dividir e ter um quarto e uma... uma copa-cozinha, né, e um banheiro. E um pedaço da frente pra você construir mais um cômodo. Quer dizer, totalizaria aí quatro cômodos, mas pronto, seriam dois cômodos. Mas só que não está assim definido não. No... no projeto, quando nos... nos entregaram a casa é esse retângulo com uma sugestão de divisão, né? Que não está nem dividido, não tem nem uma parede no meio, tem lá um marco.

TF – Como é que era essa sugestão?

GG – Era como se fosse um meio tijolo avançando da parede pra dentro, pra você saber que ali pode passar uma parede, inclusive tem uma viga de madeira ali no meio, que ali pode passar uma parede. E que vai dividir ou da sala pra cozinha, se você for fazer assim: você pode fazer uma sala, uma cozinha e mais na frente fazer um quarto, quer dizer, um cômodo a mais, né? Você pode dividir, é uma sugestão.

RG – Só um instantinho. (...)

GG – O que mais você falou...?

TF – A enchente...

GG – Isso.

TF – ...as telhas eles caíram...

GG – Isso. Na... na... Você estava falando a respeito da chuva, né? Bom, teve isso, molharam tudo dentro de casa, muita gente teve até... perdeu algumas coisas, porque aí molha, estraga...

TF – Você nessa ocasião já tinha a primeira filha. Já tinha uma filha. Já tinha essa menina.

RG – Consuelo.

TF – Consuelo. Você já tinha... já tinha..., já era casada?

GG – Já! Eu tinha três filhos: eu tinha o Júnior, a Consuelo e o David, que foi o filho que eu perdi. Ele, quando nós nos mudamos para lá, ele tinha um ano e 11 meses. E... é... quando.... quando... caiu essa primeira chuva, foi assim um terror, mas depois a gente conseguiu se entender e morar lá. Quanto à... à mudança, assim...

TF – E aí, um instantinho, a população fez muitas mudanças na casa? Como é que foi essa primeira tomada...?

RG – Esse processo assim... de chegada...?

TF – Porque nós quando passamos lá, vimos muitas mudanças.

GG – A prefeitura colocou um grupo lá, o GEIAM⁶, Grupo de... eu não sei qual é a sigla não. GEIAM ele tinha como objetivo implantar o morador na área. Porque o conjunto Nelson Mandela, ele foi um... projeto-piloto, na... diferenciando um pouco da proposta de remoção de moradores. Porque o que a gente via anteriormente eram moradores que eram tirados daqui, levados pra casas, e... algumas casas até melhores, né, pra maior, pra Zona

⁶ GEIAM – Grupo Executivo de Implantação dos Amigos de Manguinhos.

Oeste e tal, mas eles não ficavam lá porque eram apenas casas. E o Nelson Mandela, a intenção, embora as casas não correspondessem à metragem é... necessária de a gente habitar, com qualidade de vida, mas a intenção do... do... Nelson Mandela era de que se construísse um bairro proletário. Por isso que o Nelson Mandela não tem só casas, na frente dele tem um centro comercial que já nasceu como centro comercial, não foram casas que se transformaram em... a escola, o prédio já estavam lá separados, a creche também... e havia ainda a proposta... E tem campos, né?...

TF – Não é ali depois de Bulhões?

GG – É.

RG – Ali ao lado da...

GG – Isso. É... tem campos de futebol, lá atrás onde tem uma pracinha meio que abandonada, não seria uma pracinha, na verdade seria um anfiteatro, era pra se fazer aquelas escadas, né, um palco no meio, seria o anfiteatro. Havia propostas de colocação de uma rádio comunitária e campo de futebol seria uma quadra polivalente. Quer dizer, no projeto original, o Nelson Mandela vinha com toda essa... essa aparelhagem social e esse GEIAM, ele... ele veio com o objetivo de ajudar moradores a que... a se implantar nesse lugar. Porque o que se observou é que muitos moradores já tinham ido e vindo de Manguinhos em várias remoções. Ele já tava... já tinha ido a zona oeste, já tinha voltado várias vezes de vários pontos diferentes.

TF – E esse retorno... é por quê?

GG – Na maioria das vezes é..., primeiro é porque é... é... longe do mercado de trabalho, né? Muitas famílias que saíram de Manguinhos eram famílias que se originaram em Manguinhos. Então ficava difícil! Elas ‘tavam longe do posto de saúde, ‘tava Longe da escola, ‘tava longe da G.E.⁷, onde as famílias, os pais que trabalhavam na GE, estavam longe do mercado de trabalho. Então ficava difícil... é... viver longe, num lugar onde não se tinha nada e que se misturava também porque não era só os moradores de Manguinhos que iam, por exemplo, pra Vila Kennedy, tinham lá outros moradores de outros lugares e que estavam passando a mesma situação. Alguns conseguiram. Eu tenho amigos que foram na primeira remoção pra Vila Kennedy e ficaram, bancaram essa e ficaram lá e já tem mais de 25, 30 anos, e se adaptaram. Outros não conseguiram se adaptar e acabaram retornando. Então trocava, quem tinha uma situaçãozinha melhor e podia se implantar na Zona Oeste, trocava. Quem ia pra Zona Oeste, ia, e o morador voltava. Então o GEIAM ele veio tentando quebrar esse processo e convencer o morador a ficar.

TF – O que é GEIAM?

GG – É GEIAM... depois eu... precisa pesquisar...

⁷ Empresa General Eletric, no bairro do Jacaré.

RG – Tem que perguntar essas siglas aí.

GG – É sigla, é sigla. Eu não lembro, não lembro o que quer dizer. Mas era isso, era GEIAM. É: G-E-I-A-M.

RG – (inaudível).

GG – Então é... é... ele veio, e... e... ele trouxe também assim. Tinha uma assistente social que fazia... que fazia... o trabalho do (inaudível), trabalhando com grupos sociais, fundando grupos sociais... Tinha um... um representante da Secretaria de Trabalho que fazia... encaminhamento, tipo agências de empregos, né? É... algum curso profissionalizante conseguiram fazer... É... tinha um acompanhamento das crianças fazendo é... aquele trabalho antropométrico, né, medir o tamanho das crianças, o peso das crianças...

RG – (inaudível).

GG – É... uma distribuição de cesta básica... e gera algumas coisas com o sentido de... de... aos poucos estar convencendo o morador a ficar. A ficar no Nelson Mandela e não simplesmente trocar a sua casa e ir embora pra outro lugar. Como era mais próximo de Manguinhos, isso não foi muito difícil, não teve grandes... é... não teve muita gente recuando não. Nesses treze anos que a gente está lá, dia 14, já vai fazer 14, eu tenho gente que veio e ficou, tá na única casa que recebeu e ficou. Não teve muita... muita... muito vai-e-volta não. Agora, realmente têm pessoas que infelizmente tem toda uma... uma questão social que envolve que veio, recebeu a casa, trocou, foi pra Malvina que era pior do que morar na beira de um rio e já foi pra outro lugar e já foi pra outro e continua numa vida nômade.

TF – E Mandela de Pedra.

GG – Mandela de Pedra.

RG – (inaudível).

GG – O Mandela de Pedra é uma das últimas ocupações.

TF – Então me fala das ocupações, como é que elas foram acontecendo (inaudível)...

GG – É. O Nelson Mandela, né, em outros momentos, no mesmo ano, em abril e outubro, no ano seguinte com o Samora Machel, né? Samora Machel ‘tava sendo construído, começou a ser construído quando o Mandela já ‘tava ocupado, tá? A gente escutava lá o barulho das máquinas, bate-estaca, sei lá, aquela barulheira toda. Aí o Samora Machel foi construído e foi inaugurado no ano seguinte, quer dizer, o Samora tem dois anos a menos que o Nelson Mandela e... e acho que foi em [19]95... O Mandela de Pedra é de 95.

TF – Então o Samora Machel é de... [19]92?

GG – 92 ou 93, uma coisa assim. Tem um ano ou dois a menos. E aí quando veio a invasão do Mandela de Pedra.

TF – Essa invasão foi proveniente da onde? Esses moradores vieram de alguma região específica, de algum acontecimento...?

GG – Geralmente é uma coisa que a gente observa em outros conjuntos, né? Tem... a família mora nesse conjunto, a família cresce, o filho arranja uma mulher, a filha arranja um marido, precisa morar, mora um tempo com a família depois cada um vai caçar seu canto. Mas parece que a origem do Mandela de Pedra não foi bem essa não. Não tô bem... eu conheço algumas versões. Eu conheço uma versão que diz que alguém queria se esconder e fez lá uma cabana lá... onde era chamada “Bat-caverna”, né, e aí já que alguém fez (risos) outros foram fazendo, quando chegou no final aquilo foi se ocupando. Quando foram ver já tinha já um bom grupo de pessoas lá morando. E aí, como sempre acontece, alguém se levanta como liderança comunitária e defende a permanência do grupo ali e o grupo acaba se perpetuando.

TF – Mas aí então ficou uma comunidade bastante diferenciada em termos de estrutura? Porque o estado não fez... não fez a estrutura básica...

GG – Não, não, não fez, não fez! Foi invasão mesmo. Não fez! Há coisa de... tem dois anos que fizeram o asfaltamento? Tem um né? Tá acabando agora, né? É, está acabando agora o asfaltamento da... das principais vias. Isso não quer dizer que está todo... todo chãozinho...

TF – Mas e o encanamento? Esgoto, água, isso...?

GG – E encanamento.

TF – Isso foi feito.

GG – Encanamento. Isso há coisa de um ano, né... é... uma obra bem recente.

TF – E energia elétrica?

GG – Interessante, energia elétrica, pode ser um barraquinho caindo, sem água, sem luz, com uma vala na porta, mas a caixinha de luz, ela chega lá primeiro! Primeiro chega o “gato”, é claro, né?! Puxa-se daqui, dali e alguém tem que dar à luz. (risos) Seja homem ou mulher alguém tem que dar à luz lá. Mas logo, logo, alguém vai lá e bem antes da... da... do asfaltamento, da água encanada, chega a energia elétrica com a caixinha de luz lá pra cobrar. Aí depois trocaram, né, como fizeram em toda a cidade, mas a luz elétrica (inaudível)...

TF – Mas se a luz elétrica chega, chega arrumadinha como você está dizendo, como nós vemos em todas as comunidades aqueles “gatos”, aqueles emaranhados de fios e fios?

GG – Ela não chega arrumadinha, ela chega pra ser cobrada!

TF – Sim, mas quem coloca os fios? Não é a companhia de luz?

GG – A princípio não. Depois ela vai. Depois ela coloca o poste.

TF – Ah, é um “gato” comunitário?!

GG – É um “gato”, a princípio é um “gato”. Puxa-se da onde dá pra puxar. A princípio é um “gato”.

TF – Mas como vem com caixinha de luz se é “gato”? “Gato” com caixinha?

GG – Não, depois eles arrumam! Mas aí não tem... continua acontecendo o “gato”. Depois a LIGHT vem, coloca lá a caixinha, coloca os postes, né, distribui melhor, mas continua tendo “gato”! Isso não impede que o “gato” chegue. Quando trocaram, eu não sei se ainda tem... Tem, tem...! Porque sempre tem um técnico lá que ensina como faz o “gato”, ele ganha com isso, fica tudo certo. (risos)

TF – E o telefone? É algo que está chegando lá?

GG – Tá, tá. Também. Telefone...

TF – Mas é recente ou é de quando que você tá observando esse crescimento?

GG – Eu não sei dizer. Tem quanto tempo... Você tem telefone há quanto tempo?

MS – Três anos?... (inaudível)

TF – Pode falar.

MS – Não, meu telefone era Vesper. Aí não precisa, era ligado na tomada.

GG – É, a Vesper chegou primeiro.

MS – Fixo eu acho que só da Telemar lá.

RG – (Inaudível) Mas deve ter muito celular, né?

GG – Tem... isso tem bastante. Celular tem bastante... TV a cabo, voltou já? Tiraram. Mas tiraram esse ano. TV a “gato”.

FS – TV a ‘gato’.

GG – (risos) TV a ‘gato’. Mas tiraram esse ano, meu filho tinha.

MS – É, tem uns... dois meses que tiraram.

GG – É, mas tinha.

TF – Tiraram porque descobriram que era “gato”.

MS – Não.

GG – Não. Porque o “gato” não estava dando leite pra pessoa certa. (risos)

TF – Me explica melhor essa...(inaudível)

GG – É porque... eu ouvi dizer o seguinte: é que... alguém que queria dinheiro descobriu que TV a cabo dava dinheiro, aí resolveu que o dinheiro não estava indo pra mão que deveria. Aí interrompeu, mas já vai voltar.

RG – Gleide, uma vez você disse que essa ocupação toda dessa parte aí foi feita em quatro etapas, [apontam para o quadro]. Mostra ali pra mim.

GG – De qual etapa que você tá falando?

RG – (...) [Conversam diante do quadro] Isso aqui é o Nelson Mandela, certo?

GG – Tá, é o Nelson Mandela.

RG – Você diz que a primeira ocupação foi na Leopoldo Bulhões até essa creche.

GG – Isso.

RG – Essa foi em abril.

GG – Essa foi em abril.

RG – Outubro foi pra cá, pra baixo?

GG – Isso, exatamente.

RG – E o Mandela de Pedra você chama o quê?

GG – Mandela de Pedra é essa faixa. Aqui não, aqui é Embratel. Mandela de Pedra é aqui, nessa faixa aqui...

RG – Ah, tá! Ao longo do canal...

GG – Ao longo do canal, saindo lá na Leopoldo Bulhões.

RG – Ah, tá certo. Aí depois veio essa aqui que é a Samora Machel...

GG – É, Nelson Mandela em duas etapas, Samora Machel, depois o Mandela de Pedra e por último esse aqui que é a Embratel. A última invasão é lá, na CONAB⁸, nos armazéns que ficaram abandonados...

RG – Agora, a gente repara que realmente, esse aqui seguiu um planejamento. Porque você tem os lotes, tem as casinhas, tudo... Aqui não, obviamente não. Aqui é palafita nê...

GG – Não.

RG – ...aqui é palafita, né?

GG – Aqui tem palafita, tem barraco...

TF – Canal do Cunha.

RG – Canal do Cunha, ao longo do Canal do Cunha é palafita.

GG – É, tem palafita, tem barraco...

RG – Mas aqui também tem, mas essa palafita vem daqui, não é isso?

GG – É isso... aqui é da (inaudível).

RG – A pontinha aqui do (inaudível) do Jacaré com Cunha também tem...

GG – Tem, tem...

TF – Essa pontinha do Jacaré tá crescendo bastante. Não está não? Ainda.

GG – Tá, tá sim. Essa pontinha aqui. Na verdade, o conjunto Nelson Mandela vinha só até aqui, essa ponta aqui é invasão no conjunto Nelson Mandela. Porque ela não tá...

RG – (inaudível).

GG – Houve, houve. Porque no original era até aqui, rua e calçada e beira do rio, parava aí. Essa beira do rio foi toda ocupada. Daqui ó, isso aqui é uma igreja, isso aqui é o DPO. Essa faixa toda aqui tem casas, mas essas casas são de invasão, e já está vindo bem até aqui ao meio. Aqui também houve uma invasão...

TF – Essa ponta do Jacaré, então é palafitas, são palafitas.

⁸ A depoente comenta sobre outra comunidade do complexo de Manguinhos. Companhia Nacional de Abastecimento.

GG – É. São. Aqui houve uma invasão ao longo do rio mas que foram os chiqueiros que construíram. Aí depois de muito conversar, a Associação conseguiu convencer o pessoal de tirar o chiqueiro.

RG – Pois é isso que eu ia perguntar... vocês participam de alguma forma pra tentar impedir essas invasões? Porque isso piora a vida de todo mundo!

GG – Com certeza. Olha, depende muito da liderança da Associação de Moradores. Quando a gente percebe que é uma liderança que está interessada em discutir pra melhorar a situação, a gente se envolve. Agora, quando a gente vê que não adianta, não vale a pena. A gente tenta conversar com os moradores. Conversar...

RG – (Inaudível).

GG – Exatamente, a gente tem que fazer um trabalho de formiguinha, conversando com as pessoas. Então isso aqui, logo no primeiro... (interrupção da fita) (...)

Fita 1 - Lado B

RG – (Inaudível).

GG – Exatamente. Além de tudo aquilo que eu falei da escola, da creche, do espaço para o comércio, dos campos e tal, havia também uma intenção de se fazer um bosque arborizado, que viesse ao longo de todo... pelo menos da creche pra o fundo do Nelson Mandela. Fazer um bosque. Porque sabe-se que isso aí tudo era uma área pantanosa, uma área irregular e que de repente joga um monte de concreto aí, isso fica quente pra caramba.

RG – Mas é isso que eu ia perguntar, se tinha uma vontade da prefeitura de arborizar isso.

GG – Tinha.

RG – Mas ficou no papel.

GG – Não. A prefeitura deu pra nós uma muda de uma árvore frutífera ou de flores, deu uma muda pra cada morador. Quando nós recebemos essa casa nós recebemos uma muda. Acontece que a gente tinha que escolher entre plantar nesse pedaço da frente, faz uma bela e frondosa árvore, ou fazer um cômodo a mais porque estava impensado em morar num pedaço tão pequeno. A gente tinha que fazer essa escolha.

RG – As árvores frondosas demoram a crescer.

GG – Pois é. Mas nós recebemos flamboyant, teve um pessoal que recebeu flamboyant e outras receberam pequenas mudas assim de... trepadeiras... Mas, a maioria foi de flamboyant mesmo. Não chegou a ser assim... amendoeira, mas não, mais flamboyant. Al... alguns até plantaram, até conseguiram plantar, até onde deu pra plantar árvore, depois teve que cortar a árvore e fazer um cômodo a mais. E aqui era a intenção era fazer um bosque. Isso aqui, se a prefeitura tivesse feito, da beira do rio Jacaré, da creche até o final do conjunto, eu acho que teria vingado. Ali é que ela deveria ter intencionado mesmo, e ter tornado realidade. Mas eles não fizeram, ficou só no papel. Aí o pessoal começou a fazer os chiqueiros nos fundos das casas.

RG – E ficam as coisas pela metade, né?!

GG – É. Aí fizeram os chiqueiros, conseguimos acabar com os chiqueiros, convencer as pessoas de que tinha uma lixeira aqui atrás da creche, convencer que lixeira é antieducativo, porque tinha coleta domiciliar de lixo, não precisava de lixeira, conseguimos convencer as pessoas a tirar o chiqueiro e... a associação trabalhou junto com os moradores, conseguiram tirar. Mas recentemente... (risos) o poder paralelo achou de lotear os fundos das casas que davam pra o rio. Aí alguns moradores estenderam suas casas em direção ao rio pra evitar. Porque a ampliação das casas pode ser pra frente ou pra trás, quem está de costas pra o rio é pra atrás. Então o cara ampliou até aqui que era o limite dele e aí ordenaram que podia fazer casa quase dentro do rio. Aí que alguns conseguiram, em tempo, puxar isso aqui e

aumentar pra evitar que tivesse alguém morando nos fundos da sua casa. Que praticamente vai morar dentro do rio. Mas isso continua acontecendo. Lá a gente vê que tem casas dali da creche pra lá, tem quiosques, mas da ponte... da Leopoldo Bulhões até a ponte, essa travessia aqui, são quiosques.

TF – São os quiosques.

GG – Da ponte pra cá já são residências.

TF – E os quiosques? Conta lá aquela história dos quiosques.

GG – Ah, os quiosques eram barraquinhos, né?

TF – De comércio.

GG – De comércio. Aí... é... a... a associação conversou com a prefeitura, não sei qual foi o rolo que fizeram lá, que a prefeitura permitiu que se colocassem quiosques. Aí venderam os quiosques, tinha que ser padronizado no mesmo tamanho, na mesma cor, tudo certinho... Venderam os espaços com os quiosques para os moradores comercializarem. Alguns ficaram nos quiosques, outros já derrubaram, tiraram os quiosques, já construíram de alvenaria. Tá uma mistura... Você não vê bem...

TF – Mas de qualquer forma eram moradores da comunidade que iriam então...

GG – Teoricamente, entende?

RG – Gerenciar lá o espaço...

GG – Teoricamente. A gente sabe que tem gente que vem de fora e...

RG – ...e comercializa.

GG – ...e comercializa. No próprio centro comercial que tem lá na frente, o... o sacolão, a dona do sacolão mora em Jacarepaguá. Tem um pessoal que vende peixe, que eu não sei o que é aquilo lá, que também não mora na comunidade. Alguém da comunidade aluga ou vende pra fora, mas não é da comunidade.

RG – Agora, Gleide, como é o seu, a sua... mobilidade aí dentro dessa comunidade? Questão de ônibus, onde é que você vai fazer compras... como é essa sua relação aí? Nos bairros da vizinhança, como é que é isso?

GG – Olha, dentro dos conjuntos tem um comércio bom, a gente tem lojas de móveis, tem papelerias, tem armazéns, açougues... tem um comércio bom. Próximo tem: o RA-

Carvalho⁹ que é da rede Multimarket que é no Arará¹⁰, que faz entrega a domicílio e tem também, mais distante um pouco, tem em Bonsucesso supermercados, né?!

RG – E é bem servido de ônibus, é uma área...

GG – Não chega a ser bem servido não porque a gente tem um probleminha. Porque nós viemos de dentro da Favela de Manguinhos, o nosso local de fazer compras é no Jacarezinho, que é ótimo, tem de tudo no Jacarezinho. Então o que é que acontecia... Quando nós chegamos, a gente tinha que sair do conjunto, atravessar tudo isso, ou por dentro dos Combatentes¹¹ ou por dentro da Favela de Manguinhos, a gente ia pelo CHP2 pra ir pra o Jacarezinho fazer compras. Então... e... e... essa relação não foi quebrada. Até porque muitas das famílias que vieram pra o... Samora Machel, são do Jacarezinho. Então a gente continua essa... essa... e agora que se tem uma Kombi, né, que sai do Samora Machel e vai até o Jacarezinho. Então a gente sempre teve de fazer esse caminho de ida e volta a pé. É uma... uma... queixa que a gente sempre teve. E outra coisa, os ônibus que passam pela Leopoldo Bulhões, um vai pra o Passeio, mas vai ali pela Rodoviária, pela Rodrigues Alves, não passa na Presidente Vargas, outro vai pra Tijuca passando pela... e... por dentro de São Cristóvão. Quer dizer, a gente não tem acesso à Presidente Vargas.

RG – Que é o centro (inaudível)...

GG – À Presidente Vargas direto, não tem.

RG – E o Metrô, assim (inaudível)...

GG – O Metrô?! (risos) Triagem! Anda pra caramba pra chegar lá! (risos)

RG – É, tá certo...

MS – Triagem ou Maria da Graça.

GG – Ou Maria da Graça. Os dois... vou vai ter que medir. Tem que gastar sapato.

MS – Tem a estação...

GG – Qual? Trem?

MS – A Estação (inaudível)...

GG – Ah, sim! O que melhorou pra nós foi quando a Flumitrens... passou, o terminal deixou de ser na Leopoldina e passou a ser na Central. Aí sim, melhorou. Aí você vai até à

⁹ Mercado da Rede Multimarket.

¹⁰ Comunidade de Benfica.

¹¹ A depoente refere-se a uma outra comunidade do complexo de manguinhos: Comunidade dos Ex-combatentes.

estação, pega o trem, desce na Central. Que antes a gente descia na Leopoldina ficava no meio do caminho.

RG – *(inaudível)*.

GG – O trem foi que deu uma mudada. Parece que ele se adaptou mais à nossa realidade.

TF – Me diz o seguinte, aí... a saída da li... a saída não, a invasão da CONAB... foi com o pessoal da Samoura, né?

GG – Mandela de Pedra.

TF – Mandela de Pedra. Como é que foi essa história? Mandela de Pedra, já está o nome dela?

GG – Ah! Acabamos de falar: Mandela de Pedra.

TF – É, me fala mais uma coisinha, a denominação: Samora Machel ou de Mandela de Pedra, de Nelson Mandela... essa denominação de, vãos dizer assim, Combatentes, ou Mandela de Pedra, veio da onde? Foram vocês que...?

GG – Não. É...

TF – Não é nenhuma... nenhum político brasileiro.

GG – Não. (risos) A inauguração do Nelson Mandela coincidiu com a libertação do Nelson Mandela, né? E o Pedro Porfírio pegou a idéia e coincidentemente, um ano depois o Nelson Mandela veio ao Brasil. Então o Pedro Porfírio pegou a idéia. E pra continuar falando de grandes...

TF – Então quem deu essa denominação foi a Prefeitura.

GG – Foi a Prefeitura. Pra continuar falando de grandes líderes, né do... de negros no mundo ele deu os nomes de Samora Machel ao conjunto ao lado. Ainda estava na mesma gestão. *(inaudível)*

TF – E o Mandela de Pedra, foi a resistência?

GG – É, o Mandela de Pedra foi essa questão da resistência. Ele foi chamado de “Mandela Três”, “Mandela de Pedra”... Ham?

MS – “Barraquinha”...

GG – “Barraquinha” é mais recente, é “Bat-caverna”. Primeiro nome mesmo, que começou, chamava-se “Bat-caverna”. Porque tem uma depressão, né, tem uma descida ali e que era uma descida na base do escorrega... se escorregar, cai lá embaixo (risos), não tem como

segurar. E era assim, não tinha luz, não tinha nada, muitas árvores, uma coisa interessante. O pessoal invadiu o espaço a onde é o Mandela de Pedra hoje, mas as árvores ficaram. Então tem árvores grandes lá, frondosas... À noite aquilo era uma escuridão horrível e... eu cheguei lá à noite, logo no começo da invasão, eram barracos feitos de madeira, de madeirite né... aquela madeira...

TF – Compensado.

GG – Compensado e coberto por plástico preto. Então ficava uma escuridão, uma coisa horrível. Era muito feio mesmo, parecia uma caverna mesmo, uma coisa esquisita pra caramba. Foi o primeiro nome que deram, depois deram “Mandela de Pedra” por causa dessa resistência, né, ela... ela ficou ali.

TF – E ela já está legalizada?

GG – Alguma tentativa de se urbanizar. De... uma faixa, há uma negociação de que uma faixa vai ser urbanizada, outra faixa vai ser retirada, uma faixa parece que o Correio queria de volta porque não poderia ter sido invadida... um pedaço não tinha mesmo intenção de ocupar, porque não tem condições de construir nada ali. A faixa ao longo do rio que, ironicamente é chamada de Avenida Atlântica, ela tem que ser tirada porque é no Canal do Cunha, né, a SERLA tem que estar com esses espaços livres pra poder estar dragando, limpando e tal. Então eu não sei, nesse momento, em que pé estão as coisas. Agora, o que a gente sabe é que, minimamente ela foi pelo menos... eu não sei se seria urbanizada ou maquiada. Eu tenho cá minhas dúvidas. Eu acredito mais que foi uma maquiagemzinha safada. Porque é um asfaltozinho na via principal, trabalhou-se ali água e esgoto, mas ali na via principal. Pô tem lugar ali que é horrível, você vê o cano d’água passar dentro da vala, né? Nós passamos! Eu não posso dizer que foi urbanizada. Seria uma ironia com quem está lá.

TF – E vocês têm documentos de propriedade das casas? ... Não digo Mandela de Pedra, Mandela de Pedra ainda é uma invasão, né?

GG – Não. Olha só, quando nós fomos pra o Nelson Mandela... eu... eu... eu tô meio perdida nessa história porque... porque... abandonei essa... abandonei a discussão. Quando nós fomos pra o Nelson Mandela a conversa que se tinha é que as casas tinham sido construídas com o dinheiro a fundo perdido do BIRD, do B... BIRD....

RG – Banco Interamericano...

GG – Isso, o BIRD sim. E que, portanto,... isso a gente conversando, né, portanto não... não... ia ser cobrado, tá? E que o terreno foi permutado, a Prefeitura não perdeu nada em abrir espaço pra os moradores, mas... depois vieram os documentos pra a gente pagar, não me lembro quando... Eu sei que eu estava envolvida na discussão “Paga, não paga! Quem vai pagar, quem não vai...!” Eu sei que a comunidade ficou meio dividida, eu não sei se ainda hoje alguém paga aquilo, eu sei que eu nunca paguei. Porque a discussão que se tinha era essa: era fundo perdido e que, portanto,...

TF – Mas você tem um documento de propriedade da casa?

GG – Não. Não tenho, não tem. Eu tenho... Eu posso comprovar que eu moro lá porque eu tenho contas e tal, mas eu não tenho documentos. É... Tinha... eu posso até perguntar se alguém tem... a Zuleika, por exemplo, se ela guardou. Porque ficou lá, aquele papel guardado, recebia alguns meses, depois parou de vir, ninguém mais entregou o tal do papel e eu não sei em que pé ficou essa discussão. Sinceramente eu não sei, eu sei que no tempo das remoções a família que eu conheço lá na cidade, na Vila Kennedy, ela pagou. Eu lembro que quando eles pegaram a escritura da casa, até comemoraram e tal, vinte e tantos anos depois. E os filhos, né, a mãe já tinha morrido, o pai já estava quase indo, foi que pegaram essa escritura da casa. Agora, nós ali, não sei qual é a nossa situação, não faço nem idéia. E ninguém nunca mais nos falou nada sobre isso. Tá ficando!

TF – E agora você se mudou casa... pra outra casa, essa casa era de alguém que saiu e você se mudou ou foi uma casa foi construída agora?

GG – Não, essa casa foi construída no projeto original do Samora Machel e agora eu estou morando de aluguel. Ela pertence à outra pessoa, que eu não sei se era moradora de lá. Porque aí a rotatividade é grande, né? Muita gente já vendeu, já foi pra outros lugares. Eu não sei se os moradores assim... o meu proprietário, era morador original da casa. Eu ‘tava morando de aluguel lá.

TF – Agora a gente podia falar um pouquinho da CONAB, não?

GG – É, a CONAB é outra história interessante. Eu lembro de estar passando na rua e vi um movimento estranho e aí alguém falou: “Ih, estão invadindo a CONAB!” De repente já ‘tava todo mundo invadindo, tomando posse, aquele espaço estava abandonado há muitos anos, eu não sei quantos anos... A... a menina conseguiu levantar quantos anos?

RG – (Inaudível).

GG – Eu não sei há quantos anos estava abandonado, mas já estava parado mesmo.

RG – Mas houve um tempo, Gleide, que é... apareceram uns barracos ao longo da calçada, próximo à CONAB, né?

GG – É, mas foram removidos.

RG – Foram removidos, né?!

GG – Foram, ali bem na curva da Leopoldo Bulhões.

RG – Mas não foi um processo não, foram removidos e começaram de novo, a invasão.

GG – Não. Entre a ocupação, entre a ocupação... a ocupação... e a remoção desse... desse... grupinho pequeno que ficou ali nessa esquina da Leopoldo Bulhões, perto da CONAB, passou um tempão!

RG – Ah, tá.

GG – Passou. Foi bem nessa esquina mesmo.

RG – Já devia estar abandonada a CONAB. Pra permitir isso.

GG – É! Eu nem lembro... porque aquilo... era um paredão, né, ficava fechado, a gente não sabia o que é que acontecia lá dentro. A última vez que eu vi uma movimentação na CONAB foi, meu Deus, no começo dos anos 80, naquela crise que faltou feijão, faltou leite em pó, faltou mais não sei o quê... foi nos anos 70, se não me engano. E aquilo ali eram armazéns, né, alguém falou... Lembra que invadiam supermercados, saqueavam supermercados? Alguém disse que ia saquear a CONAB, ia saquear a COBAL... A COBAL tinha no quartel? Sabe onde é? Tinha um supermercado da COBAL no quartel, alguém falou: “Ah, vão invadir a COBAL, vão invadir a CONAB!” Mas isso já foi lá nos anos 70, 80, nem lembro quando foi! Depois disso eu nunca mais ouvi falar de nenhuma movimentação na CONAB. Não sei, não sei quando ela foi desocupada, abandonada, sei lá. Não faço nem idéia. Eu sei que depois disso ela foi invadida...

TF – Mas foi por moradores daqui, do lado e cá que atravessaram?

GG – Na verdade, a invasão, ela sempre começa por quem está mais próximo. Em qualquer movimento de invasão, ele sempre começa por quem está mais próximo. Quem está mais próximo daquele local desocupado é que... intenta, organiza e dá o primeiro passo. E aí pode vir gente até de fora do estado. Está chegando de pára-quedas no Rio de Janeiro “Ah, estão invadindo ali!...” vai junto! Mas é sempre organizado por quem está mais próximo. Porque conhece, sabe como fazer.

TF – Olha só, lá dentro a gente observou, na CONAB, uma diferença razoável: que tem casas de alvenaria e tem barracos de papelão, de (inaudível), etc. e tal. Essas pessoas que vieram pra alvenaria, elas vieram com uma estrutura financeira mínima, elas, na origem... elas tinham, você tem idéia disso?

GG – É, com certeza, com certeza tinham! (risos) Nessa invasão da EMBRATEL, nessa aqui, a invasão da EMBRATEL, [apontam para o mapa do complexo de Manguinhos] é uma extensão do Samora Machel, quando eles invadiram a ordem foi: em três meses construir tijolo. Tem terreno que tá lá até hoje na fundação! Não teve dinheiro pra construir! Ninguém... quem vive de salário mínimo não tem dinheiro pra de repente levantar uma... uma... nem que sejam quatro paredes em pé! Não dá! Quem levanta, ou se estrangulou de alguma forma ou pegou empréstimo e tal, deu o seu jeito pra levantar ou então já tinha esse dinheiro pra poder fazer isso. É aquilo que eu te falei: é sempre alguém que tá próximo, que organiza e também se beneficia da coisa, né, fica de fora, né? Nessa... nessa invasão da EMBRATEL, tem uma vizinha minha que ela... ela... negociou lá e

conseguiu um pedaço. Porque ela morava na... num anexo, né, nesse pedaço a mais que as casinhas do Nelson Mandela, no... esse pedacinho pra a gente construir um cômodo a mais. A minha vizinha vendeu pra ela esse pedaço da frente que ela fazia de quintal, ela construiu embaixo, fez mais um cômodo em cima e fez uma laje, uma arezinha pra botar roupa na corda. E isso era muito pequeno pra ela, o marido e dois filhos, era muito pequeno. Quando veio essa ocupação da EMBRATEL, ela conseguiu convencer o grupo lá de que ela estava morando num lugar muito pequeno, muito apertado, que não tinha condição e tal. O que é que ela fez? Ela trabalhava, o marido trabalhava, pediram empréstimo num banco e construíram. Agora, ela alugou, ela tentou... alugou por um tempo esse pedacinho que ela morava, que ela já alugou desde junho do ano passado, agora ela tá vendendo esse pedacinho pra comprar um outro pedaço. Lá mesmo na EMBRATEL, e... e uma casa num lote da filha dela. Quer dizer, quem conseguiu construir, de alguma forma deu um jeito, agora, quem tá no papelão, quem tá no barraco é porque não tem jeito mesmo! É aquele que realmente ou tá no aluguel ou tá de favor e não tem condição do nada, pra construir... tirar do nada, um dinheiro pra bancar uma construção de casa. E mesmo quem consegue, você chega lá: tá bonitinha, mas tá... sem pintura, por fora tá no emboço, mas não tem pintura, não tem piso, ainda tá em processo de construção... que é muito caro, muito pesado pra quem mora nessa região. Agora, quem já conseguiu emboçar, botar piso... é porque... tinha condição de fazer isso. Algumas pessoas já tinham três, quatro casas alugadas... já viviam, já eram, como se diz, latifundiárias, né, (risos) já tinha suas condições.

TF – Aí você acha que essa invasão da CONAB, era uma invasão também de gente que tinha condições...?

GG – Em todas as invasões tem, é que são eles que encabeçam! Às vezes não. As... por exemplo, eu acompanhei a invasão da Favela da Malvina. A Favela da Malvina é uma que foi removida debaixo do Metrô.

TF – Onde é?

GG – Embaixo de Metrô de Maria da Graça. Ela começava ali onde está a Escola de Samba do Jacaré e ia até Maria da Graça. Eu acompanhei aquela invasão. Aquilo ali foi uma senhora que não baita bem da bola, tá, que catava xepa na lata de lixo, lavava roupa na rua e tal... desprezada pela família, ela foi lá e fez um barraquinho e ficou. Aí veio outro na mesma condição que ela, fez... ninguém, mexeu com ela porque ela era maluca e era um barraquinho só, também ficou. Aos poucos foram ocupando, mas mesmo ali na Malvina não foi... a ocupação não foi só de quem estava tão necessitado quanto ela. Sempre tem alguém que chega lá, ocupa e vende; ocupa e aluga. Tem sempre alguém que se beneficia monetariamente dessas ocupações. E na maioria das vezes são eles que de alguma forma brigam pra que a coisa vá pra frente porque, você se vê, como é que essa senhora, na hora em que a polícia vem pra desocupar, como é que ela ia se defender se ela é completamente maluca?! Né? Tinha que ter alguém lúcido, alguém que soubesse conversar, né, pra estar brigando pelos seus direitos. Esse alguém, ele... ele incita porque ele sabe que quando for fazer um levantamento ele não vai ter direito, então ele incita e fica por trás dando suporte a quem não tem condição. Funciona mais ou menos assim. (Fim da Fita 1)

* Esta fita não foi gravada integralmente (aproximadamente 48 minutos)

Data: 07/04/2004

Fita 2 - Lado A

TF – Entrevista com Gleide Guimarães para o Projeto Comunidades de manguinhos. Fita número 2 em 7 de abril de 2004, entrevistada por Tânia Fernandes, Consuelo Guimarães, Fábio Souza, Michele Soares e Vagner Lyra. Vamos lá. Então nós vamos começar hoje dando continuidade a outra entrevista, né, queríamos que você falasse um pouco sobre Carlos Chagas. Você tá fazendo um passeio pelas comunidades, vamos entrar agora na Carlos Chagas, tá?

GG – Bom, na... Carlos Chagas, assim... que... que agente... que eu pude observar, eu não morei na Carlos Chagas, mas eu conheci, porque ela é uma comunidade de acesso. Ela foi pra mim uma comunidade de acesso à medida em que a gente tinha que passar por ela, né, atravessando do CHP-2 pra cá a gente passa pra poder vir pra Fiocruz, pra o centro de saúde, que a gente sempre chamou de posto. E aí a gente viu um pouco nessa passada pela Leopoldo Bulhões, a gente acabou acompanhando as mudanças no... no Parque Carlos Chagas. O que deu pra ver assim: foi a construção do CIEP, deu pra acompanhar um pouco... a construção do CIEP. Mais tarde, quando o governo do estado tirou um espaço do pátio do CIEP e construiu o CCDC¹², a gente também pôde acompanhar isso, a Varginha... pra nós se tornou mais conhecida logo após o episódio do incêndio na... nos barracos da... do final do CHP-2, num pedaço do João Goulart em [19]89, e aí as famílias desabrigadas ficaram em barracas do Exército, na Casa Comunitária – foi aí que eu tomei conhecimento da Casa Comunitária – na... no... pátio da Casa Comunitária. Essas famílias ficaram em barracas por um tempo e depois foram construídos os barracões onde hoje é o Greenville. Quer dizer então, a... a partir daí é que a gente começou a conhecer melhor Carlos Chagas, a Varginha. Até então era mais passagem.

TF – Por que é que ela tem esse apelido de Varginha?

GG – Eu creio que tem muito a ver com toda essa região que é toda região de mangue, né? Ela tá, essa região tá entre os dois rios, a pontinha, no encontro desses rios, é chamada de Ilha das Cobras, onde (inaudível).

TF – Onde é o Jacaré e rio...?

GG – Faria-Timbó. Quer dizer, a pontinha aí... era chamada de Ilha das Cobras e era onde tinha palafita. Quer dizer, por toda as margens dos dois rios tinha barracos, tinham casas. Mas na... na... na Ilha das Cobras, nesse encontro dos dois rios, os barracos avançavam pra dentro do rio e eram sobre palafitas. E... quer dizer, eu acredito que por ser, a... a gente sabe que a Varginha era como se fosse fundo da bacia, em qualquer lugar que chovesse poderia encher ou não, mas a Varginha enchia com certeza. Essa era certa, até porque ela tá entre os

¹² Centro Comunitário de Defesa e Cidadania.

dois rios. E os outros, a Fiocruz já drenou bastante o seu terreno quando veio, a construção do Nelson Mandela também sofreu muito aterro e a Varginha foi ficando lá no fundo né... . E só melhorou um pouco essa situação depois que tiraram as casas ao longo dessas duas margens do Faria-Timbó e do... e do... rio Jacaré e foi tirada a Ilha das Cobras. Mas mesmo assim, numa chuva muito forte, ela corre risco de encher sim, a creche sofre com isso... a antiga Casa Comunitária, que hoje é um CEMASE¹³, também sofre porque a água retorna pelos esgotos e acaba voltando... ainda sofre conseqüência de enchente por estar nesse fundo de bacia. Daí, talvez... o nome Varginha, que é o nome mais conhecido. Então nós conseguimos assim, a partir desse episódio do... do... incêndio e quando as famílias que vieram morar em barracas na... no terreno da Casa Comunitária, nós tivemos uma proximidade. Porque de alguma forma, essa situação do incêndio acelerou ao mesmo tempo que pôs em risco a ocupação do Nelson Mandela, a construção, o final da construção do Conjunto Nelson Mandela. Porque é mais uma invasão... de famílias desesperadas. Porque quando aconteceu o incêndio algumas casas estavam prontas, a metade do conjunto estava pronto.

TF – O incêndio foi em que local mesmo?

GG – No finalzinho do CHP-2 e... pegando um pedaço do Parque João Goulart, rua São Miguel... Bom, então, o incêndio ocorreu... no CHP-2... [estão localizando o incêndio no mapa] bem nessa quadra aqui... (inaudível) É, deixa eu só localizar. (...)

TF – Estão localizando no mapa a comunidade.

GG – Rua São Caetano... rua São Miguel... rua São Miguel... pegou quase chegando à.. à rua do trem, é no final mesmo do CHP-2 quase chegando à linha do trem. Na altura do rio Jacaré, que é onde ocorreu esse incêndio. Ele começou numa tarde e foi até à noite, queimou bastantes casas. Foi... foi... uma mãe que deixou as crianças dentro de casa brincando, ela estava na porta conversando com a vizinha e as crianças brincaram com uma vela e levaram pra dentro do guarda-roupa. Quando as crianças gritaram que ‘tava pegando fogo já não tinha mais como salvar porque tinha pego a roupa, o guarda-roupa...

TF – E as crianças?

GG – Não... não chegou, não machucou ninguém não. Mas pegou a roupa, o guarda-roupa e já pegou a parede que era de madeira atrás e quando correram já não tinha mais como salvar e queimou muita coisa, muita gente perdeu coisa... assim, tudo! Tipo sair com a roupa do corpo e pra trás ficando documento, tudo que tivesse lá dentro. E... essa situação acabou ameaçando por um lado, porque famílias desesperadas invadiram as casas do Nelson Mandela que estavam prontas. Elas estavam prontas, mas mais ainda não estavam... já estavam sendo emboçadas, mas não tinham sido pintadas. A metade do conjunto! Eu acho que daí a... decisão da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social antecipar a ocupação do Nelson Mandela. Porque esse incêndio, ele ocorreu em [19]89, nós entramos

¹³Centro Municipal de Atendimento Social Integrado

em [19]90. Então eles anteciparam a entrada pra que não ocorresse mais, que os próprios moradores des... dessem a segurança de que o conjunto não seria mais invadido.

TF – Me explica o seguinte: o conjunto que estava sendo construído já tinha pessoas cadastradas para habitar essas moradias?

GG – Já.

TF – E aí essa invasão já fez um processo aí de confusão ou não?

GG – É, fez um processo de confusão e aí teve que se renegociar (risos), mais uma vez, a ocupação dessas casas... algumas famílias dessas... desses barracões, eles ficaram em barracas do Exército, depois foram construídos barracões, algumas famílias dos barracões entraram no Nelson Mandela. Outras aguardaram a construção do conjunto... e... lá na... ne... Parque da Missões, onde que tem...

TF – Onde que é?

GG – ...é chegando em Caxias, na Dutra, na altura da Dutra.

TF – Isso é uma negociação pacífica ou teve uma disputa... (inaudível) Como é que foi isso?

GG – Não foi tão pacífica devido ao desespero da situação! Mas deu pra negociar e deu pra se entender e o processo de... de saída dessas famílias dos barracões pra o Parque das Missões demorou um tempo, as pessoas vieram uma situação meio sub-humana, eram cubículos, elas... elas moravam em verdadeiros cubículos. Banheiro coletivo, é... tanque coletivo... esgoto correndo a céu-aberto... as pessoas pisavam na lama... Era uma coisa assim meio... parecia um cenário de guerra, uma coisa estranha mesmo, muito ruim! E as famílias sofreram, algumas, as que ficaram, a grande maioria sofreu, eu não tenho bem certeza quando o Parque das Missões foi ocupado, mas devem ter ficado lá um ano ou dois até que saíram pra o Parque das Missões e aí rolou uma discussão do que seria feito desse espaço. Porque anteriormente havia a intenção de se construir uma escola de samba na Varginha, porque o pessoal...

CG – Uma eterna intenção.

GG – É, a Consuelo coloca que é uma eterna intenção, nunca saiu do papel. Porque... é... anos anteriores, a Escola de Samba de Manguinhos era freqüentada por toda aquela fachada da linha pra lá [apontam para o mapa], esse lado de cá só tinha Varginha e o Amorim, que nem sempre atravessava. E havia, aconteceram alguns episódios e... de guerra mesmo entre esse espaço, né? A Varginha hoje, ela tá meio que morta pra violência, o que é muito bom, mas ela já foi cenário de situações seriíssimas de conflito nessa área. A Varginha já foi assim muito temida. Então algumas pessoas que são mais antigas, não atravessavam pra Manguinhos e de lá não vinham pra cá. Então por conta disso surgiu a intenção de se criar uma escola de samba aqui pra não freqüentar lá em Manguinhos. Mas isso nunca, nunca

tomou pulso mesmo, tá, saiu do papel. Se aconteceu, foi uma ou outra iniciativa muito isolada, mas assim que tivesse vulto, que se visse escola de samba como tem em Manguinhos, cai-não cai, mas existe, não aconteceu. Então quando o... a...os moradores...

TF – Essa a escola de samba era tida... então como uma... como vou dizer... instituição que ajudava a integração? Como é essa escola de samba ocupou um espaço, na tua memória inclusive?

GG – Eu não tenho muita informação sobre isso. Eu sei da intenção de se ter um espaço pra se criar a Escola de Samba de Varginha. Agora, assim, eu não conheço as pessoas que compunham esse grupo e tinham essa intenção, eu só conheço a idéia.

CG – Mas é também, eu acho que é uma coisa assim: por que da importância de ter uma escola de samba? Porque dentro são... é... dentro de uma comunidade carente com problemas de violência e que não se pode circular muitas vezes... é cria-se uma dificuldade é... de conseguir uma forma de diversão dentro da comunidade. E só tem três formas: o baile, o samba e o futebol. O baile já foi descaracterizado, antes... antes o baile era uma coisa, hoje em dia o baile já não é tão bem-visto, ele já ficou proibido e tal. O futebol é limitado porque se limita aos homens. Os homens saem, jogam futebol e a mulher não tem muito acesso. Agora, o samba é popular. Então era importante pra a comunidade ter uma escola de samba ou um bloco ou até um barzinho que toca um forró de vez em quando e tal, algum lugar onde se possa dançar e ouvir música. E como a Varginha era movimentada antes, o povo já tinha um campo de futebol, o baile acontecia ou não, mas era perto dali, o pessoal mesmo tinha acesso, só estava faltando a escola de samba. Então ficou nesse eterno impasse de “faz e não faz” e o que ajudou a não concluir o projeto da escola de samba, foi que a Varginha foi remodelada e quando ela foi... foram retiradas as casas à volta, esvaziou toda aquela intenção de se... de se fazer uma diversão ou algo que possa ficar ali e a comunidade ser mais conhecida, acabou à medida que os moradores à volta foram removidos pra outras comunidades.

TF – Então esse movimento partia desses moradores, seria assim que eu tô entendendo?

CG – É, eles tinham eco nesses moradores, mas quando eles saíam já não viam mais essa necessidade... Porque quem ficou na Varginha... é... assim, a maioria das pessoas que mora na Varginha antes, são moradores bem antigos e a Varginha virou assim... comunidade-dormitório. Ela é bem morta mesmo. Quem tá lá não quer mais bagunça, já não tá mais interessado em tanto agito, a Varginha tem poucos bares, tem poucas... é... tem muitos jovens, mas os jovens não agem na rua, eles saem dali vão pra outras comunidades de Manguinhos... Por conta do esvaziamento a violência na Varginha abaixou, então os jovens já não ficam na rua, eles já ficam em outra comunidade porque ela é mais agitada. Até o campo de futebol já foi mais esvaziado por conta disso. Então esse movimento, ele esfriou, porque já não encontrava mais eco nos outros moradores. (pausa na gravação) (...)

GG – Bom, é... essa explicação da Consuelo deu uma clareada legal. E o que reforçou também, com base nisso que a Consuelo acabou de explicar, que reforçou, que esfriou ou reforçou esse esfriamento também, foi a perda do espaço. Porque a intenção era ocupar esse

espaço onde estavam os barracões e quando os barracões saíram, os moradores saíram de lá quando foram destruídos, rolou uma discussão de “se faz - se não faz” e como é... simultaneamente estavam acontecendo as remoções às margens dos rios Jacaré e Faria-Timbó... se negociou que não fariam. Tem uma associação de caminhoneiros que quis tomar esse espaço também, mas aí a liderança local achou por bem re-dividir esse espaço pra famílias que não quiseram ir pra Greenville ou que estavam por aqui... não quiseram ir pra o Parque das Missões, e aí se re-dividiram esse espaço e ficou... e se instalou em Greenville. Só que Greenville tem uma coisa interessante: está dentro de Varginha, mas não quer ser contado como Varginha, quer ser contado como Nelson Mandela. Então está ali, mas não é contada. Consuelo.

TF – Por quê?

CG – Tem Um problema com Greenville porque ele não atende uma outra demanda. É interessante porque se a gente fizer uma pesquisa na área, vai ver que a maioria dos moradores, eles vieram de aluguéis e eles são nordestinos. Então junta... junta assim... é... é... várias situações: o Mandela sofreu com essa coisa de pessoas de outros estados, vindo pra cá, famílias se... se... se remodelando ali dentro do Mandela, é um irmão que vem e puxa sua esposa, sua mãe, seu filho e já estava inchando Mandela e desembocaram pra Greenville. Então por isso que é... é... esse pessoal meio que não se caracteriza como da Varginha, mas sim como Mandela, porque a origem deles no Rio de Janeiro foi o Mandela! A representação deles, a família que veio há cinco anos atrás e que alugou um espaço e que... comprou uma casa, que chamou outros membros e vieram e... famílias inteiras vieram do Nordeste pra cá. Por isso que Greenville não tem muito a cara do Jacarezinho,...

TF – Não entendi...

CG – ...não, do Jacarezinho não, da Varginha. E outra coisa, a liderança comunitária, ela também é... não teve muito acesso a isso porque eles estavam muito envolvidos na fundação da COOTRAM¹⁴. Então a comunidade da Varginha ficou meio que esquecida por contra da COOTRAM. Então quem via, quem via de fora e “Ah, eu quero me fazer representar por uma associação de moradores!” não via na Varginha uma associação ativa. Porque a associação da Varginha, o presidente da associação da Varginha, a liderança comunitária não estava bem interessada na comunidade, estava mais interessada no processo da construção da COOTRAM. Tanto é que o presidente da associação da Varginha é o diretor da COOTRAM hoje.

TF – Então daqui a pouco a gente entra na COOTRAM. Vamos voltar um pouquinho pra o que a Consuelo estava falando sobre Varginha... explica melhor, Varginha não, sobre Greenville. Explica um pouquinho essa história de Greenville. Até o nome.

GG – (risos) O nome eu acredito que tenha sido influência de novela da época, né? Tem a ver aí com novela... Consuelo é que sabe o nome de novela, porque eu não gravo essas coisas não.

¹⁴ Cooperativa de Trabalhadores Anônimos de Manguinhos

VL? – Acho que é a novela Fera Ferida...

CG – Não, Fera ferida não.

VJ? – Não sei se foi Fera Ferida ou...

CG? – Não me lembro, não me lembro.... A Indomada!

GG– A Indomada. É, tem a ver com isso, né. É... É nessa novela que tinha o pessoal nordestino com sotaque inglês?

CG – Nordestino com sotaque inglês.

GG – Exatamente, tem tudo a ver! (risos) Eu tive uma aluna que queria aprender a ler e escrever pra falar “*good night*”. Ela era analfabeta, ela queria aprender a ler e escrever pra falar “*good night*”. Eu não sei como é que ela vai conseguir isso, (risos). Tem a ver com isso, essa colocação da Consuelo é perfeita. E realmente a... a Varginha, desde então a liderança comunitária abandonou de vez a Varginha. A gente chega na associação, nós estivemos lá, né, ela tá aberta, não tem ninguém, quando tem, tem um cachorro dormindo. (risos) É tudo que a gente encontra lá. A associação tá assim...

TF – Cachorro não dá entrevista.

GG – É. A associação tá assim, às moscas. E eu não sei se isso tá fazendo falta ou se o pessoal acha que ela não faz falta, na Varginha se concentra a... aparelhagem social: ali tem CCDC, tem CIEP, tem o prédio da associação... um quarteirão inteiro é só disso, né, o CCDC, o CIEP, o prédio da associação, o campo de futebol, a primeira instalação da direção da COOTRAM foi lá, depois veio o CEMASE, depois construiu-se a creche, quer dizer, um quarteirão inteiro é só de prédios públicos, né, diga-se assim, isso fica parecendo um pouco que, apesar de ela não ter a participação da associação dos moradores, parece que isso não tá fazendo muita falta. E... e... esse pessoal precisava de alguém que administrasse a sua chegada, a sua implantação, né?

TF – Mas então me explica o seguinte, já que tem todo esse equipamento...

GG – ...social.

TF – ...social, quem utiliza esse equipamento social?

GG – Toda região. Toda região à volta. Ele não tá assim, voltado pra Varginha, está instalado na Varginha, mas você encontra no CIEP crianças que vêm até de fora do município. Quando a Consuelo estudou lá tinha crianças que participavam daquele programa que a criança entrava na segunda de manhã e só voltava pra casa na sexta, elas dormiam. Tinha os “pais sociais”, elas dormiam todos os dias no CIEP. Eu não sei se ainda

tem esse programa, apesar de os “pais sociais” serem os mesmos lá. Não sei se o governo atual deu segmento. O CCDC atinge, atende a toda essa região e até fora.

TF – O que é CCDC?

GG – Centro Comunitário de Defesa da Cidadania. É um órgão ligado à Secretaria de Ação Social, e Cidadania, do governo do estado. Ele atende... a demanda é geral. Apareceu, atende-se mesmo que tenha vindo de muito longe. A... a... creche, ela é mais estrita, mas ela atende não só à Varginha, até porque a Varginha tá muito pequena, muito limitada, mas ela atende, basicamente, a demanda da creche... da creche de Manguinhos, é o Mandela de Pedra. São os conjuntos à volta, mas a... a gente percebe quando as mães vêm entregar as crianças, a gente que conhece, que é basicamente do Mandela de Pedra. O CEMASE¹⁵, os programas sociais do CEMASE...

TF – O que é CEMASE?

GG – CEMASE eu não tenho de cabeça, mas no guia de equipamento lá na minha bolsa tem, depois eu te traduzo, de cabeça eu não sei, CEMASE.

TF – Tudo bem, pode continuar.

GG – O CEMASE também tem programas pra... tem programas para... adolescentes, crianças, jovens e idosos... na a 3ª Idade, que atende a toda essa região, apesar de ter um CEMASE no Nelson Mandela, até pessoas do Nelson Mandela, do Samora Machel, idosos, vêm fazer atividades no CEMASE. Senhoras de Manguinhos, a gente vê atravessar de Manguinhos pra cá, lá da Vila Turismo, pra o CHP-2, pra o João Goulart, fazer atividades no CEMASE-Manguinhos que é aqui na Varginha. Então esse equipamento tá voltado pra atender a essa região toda, a quem aparecer.

TF – Mas tem uma demanda bloqueada, digamos assim, quer dizer, tem mais demanda do que possibilidade de atenção ou não?

GG – Eu acho que nos casos das creches e das escolas sim. A gente sempre percebe que tem mais crianças precisando de escola do que vagas nas escolas e nas creches também. Todos os anos é uma loucura a... as mães correndo pra a porta das creches pra... quando eles descentralizam essa pré-inscrição, né, que fazem na CRE¹⁶, as mães vão pra lá e passam a noite, apesar e se anunciar que não precisa passar a noite... É uma correria, nós temos nessa região a creche de Manguinhos, a creche Chico Bento e a creche Samora Machel. Três creches desse lado aqui. Mesmo assim ainda ficam crianças que não conseguem encontrar vagas nessas creches, ainda ficam crianças que não conseguem encontrar vagas nessas escolas, a Escola... Maria de Cerqueira está lá estrangulada, até semana passada estavam faltando professores, uma professora estava fazendo dois

¹⁵ Centro Municipal de Atendimento Social Integrado

¹⁶ CRE – Cordenadoria Regional de Ensino

horários... pegando turmas meio-dia e meia, largando três horas, pegando turmas às três e largando às cinco, uma mesma professora.

TF – É, quando você me diz que a escola atende a crianças fora da comunidade, por isso que eu perguntei se havia um estrangulamento de demanda.

GG – Atende, agora de manhã, eu colocando a minha filha na creche – isso não é de agora que eu observo – a gente vê que vêm às vezes mães lá do Arará¹⁷ que é mais distante, vêm empurrando carrinho correndo pra colocar a criança no Samora Machel, né? Tem uma outra creche aqui no Amorim que tem um horário mais elástico.

TF – Carlos Chagas, eu acho.

GG – É... Não. No Amorim também um horário mais elástico que pega mais cedo e larga mais tarde. Mas ainda assim, a a... gente vê a necessidade... não sei, há quem discuta (risos) que construir mais creche seria estimular a criar mais crianças de maneira irresponsável. Mas... elas estão aí, elas estão aí! A gente não pode ignorar e... a gente não pode penalizar e as famílias precisam trabalhar, precisam... se organizar, né, e essas crianças precisam ficar em algum lugar, né? E tem que ser trabalhada pra que ela se prepare pra entrar no ensino fundamental e a creche já tem esse objetivo, já voltada pra esse objetivo, não só pra guardar a criança, mas também guardar. E a gente vê que todas essas creches, essas escolas, estão estranguladas. O CIEP, depois que... que... começou o ano letivo, eu acho que esse ano ele colocou lá um cartaz dizendo que ainda tinha vagas pra crianças que tivessem com... com... completado 7 anos, mas isso não é muito comum, deve ter havido aí alguma... alguma... de repente alguém que saiu, um grande grupo que fez inscrição em duas, três escolas, conseguiu uma vaga e aí vagou no CIEP, mas na maioria das vezes as crianças ficam, os pais ficam procurando vagas e... é difícil encontrar. Não é com muita facilidade não. Mas é um equipamento que é bom. Que tá lá, que existe e... que a gente tem acesso.

TF – É... a Consuelo havia colocado que a Varginha é um pouco dormitório. Por que essa colocação?

GG – É porque ela teve uma vida muito movimentada, né? Inclusive palco de... de... de situações violentas nos anos [19]80.

TF – Mas com o tráfico?

GG – Com o tráfico, a presença séria... Consuelo.

CG – Eu mesma já fiquei presa na escola porque eu estudava no Brizolão e a diretora, a ordem da direção da escola era de em caso de tiroteio: turmas dentro da sala e... só sai com responsável. Então já teve dia de eu que largava 4 e meia, sai 6 horas porque tinha que esperar meu pai, minha mãe chegar, e meus vizinhos na porta, porque como eu era da 2ª série, e eles já eram da quarta, 4ª série liberavam sozinho quando já era mais velho. E eles

¹⁷ Comunidade de Benfica.

eram bem mais velhos que eu... eram repetentes. Eles na porta dizendo pra dona que eles moravam na frente da minha casa, e não podiam me levar porque eu só saía com o meu responsável. E a gente via situações assim... é... é... horrorosas porque... a polícia na pista, a escola, o CIEP no meio... e lá dentro bandido (risos), helicóptero voando, ameaçando posar no teto da escola porque o teto do Brizolão é um heliporto, né?! E um monte de criança na escola... da diretora ameaçar de botar as crianças lá em cima do heliporto pra o helicóptero não posar, porque isso acarretava numa responsabilidade na escola, da escola. E a escola tinha assim... um apoio da comunidade nas suas ações. E comunidade lia-se: é...“todos os atores”. Porque filhos de bandido, esposas que circulavam na escola, então se a escola tinha uma dificuldade num... quando... quando ‘tavam invadindo ou ‘tavam depredando a escola, a diretora chamava os responsáveis e fazia-se uma reunião e nós que somos de dentro sabíamos que essa reunião ia valer a pena porque ali tinha pessoas que podiam é... é... ajudar e passar informações e no dia seguinte ou horas depois, já estava resolvido o problema: “Ó, botaram uma ordem, não mexe na escola...” algo desse tipo. E também porque as crianças iam ficar assustadas se a polícia entrasse e ocupasse a escola e começasse a trocar tiro da parte dela. Porque a intenção era essa. Então a gente passava por situações assim bem difíceis na escola, bem aflitas e a diretora tendo que nos prender... e também passamos por situações do tipo chuva, né, porque enchia a Leopoldo Bulhões e aí a gente não tinha como sair, quer dizer... a... a nossa história na Varginha nesse período era uma história muito conturbada.

TF – Mas me explica o seguinte, que essa violência dentro da Varginha era ocasionada por essa população que vivia à margem dos rios, que vocês disseram que saíam e deu uma esvaziada na Varginha e a violência de certa forma diminuiu... como é que é, ou era concentração populacional?

GG – Não, não. Não era causada por ela não. Não era causada por ela. É... talvez fosse até, de alguma forma, alimentada pela presença de alguns barracos, o que facilitava esconderijo e forma de estar fugindo. Mas não era essa população que saiu que era violenta. Agora, ela...

TF – Então era uma população de fora que entrava na Varginha pra se colocar, seria isso?

GG – A própria situação de violência da implantação do... do... chamado Comando Vermelho, da... de toda aquela situação de... de... de violência crescendo nos presídios, né, quando no final da ditadura se misturou preso político com preso comum... e eles trocaram informações e começaram a estruturar o crime organizado... começaram a organizar o crime e havia situações que transbordaram desse presídio, e a Varginha, ela foi palco de reuniões assim que (risos) o alto comando do crime se reuniu na Varginha pra tomar decisões que iriam nortear toda essa organização do crime.

TF – A Varginha foi então lugar de organização da...

GG – Foi, foi palco...

TF – ...do Comando vermelho?

GG – Foi. Ela foi palco de reuniões que...

TF – Aquela casa que você tinha citado outro dia, ela era na Varginha?

GG – Na Varginha. A casa amarela fica na rua Carlos Chagas. Tá lá abandonada...

TF – Fala um pouco pra gente da casa amarela.

GG – Eu não sei falar muito. Mas diz-se que a casa amarela é que os grandes chefões do Comando Vermelho se reuniram e fundaram oficialmente o Comando Vermelho. Reuniram as facções pequenas e formaram um corpo único de um crime organizado. Isso aconteceu...

TF – As facções pequenas eram as facções já do tráfico?

GG – Já, já era. Eu acredito que era assim: pequenos grupos... pequenos grupos que brigavam entre si, né, e que resolveram se estruturar e orientados pela experiência dos presos políticos, resolveram se orientar e se organizar, eliminar suas diferenças e se organizar enquanto crime organizado mesmo, né? E essas reuniões, esses encontros, aconteciam na Varginha. Então não era difícil a polícia tomar conhecimento uma vez que a polícia investiga, daí o assédio da polícia é muito forte em cima da Varginha e também a gente até entende que quando, tem que ter ação combinada: a polícia assediou fortemente e o aparelho do Estado entendeu que tinha que fazer alguma coisa, mexer no físico, pra desarticular essa situação da Varginha. E aí... quando se mexeu nesse físico e se tirou duas faixas de... de... de barracos ao longo dos rios, das margens dos rios Jacaré e Faria-Timbó, deu uma mexida realmente. E ela se tornou uma uma... ela... ela... se tornou dormitório. Porque aí as ruas ficaram largas, de fácil acesso. Então agora um carro entra na margem do Faria-Timbó, circula onde era a Ilha das Cobras e sai pela margem do Jacaré. A rua Carlos Chagas ficou é... é... ela já era larga, já era definida, ela ficou assim fácil de transitar e o número de becos, eles ficaram muito curtos. Porque os becos vão da Carlos Chagas para a pista do Faria Timbó. Eles ficaram curtinhos, da Carlos Chagas você vê a pista. Então eliminou muito esse... esse... essa facilidade de estar circulando. Mas a Consuelo tem umas experiências interessantes a falar, por exemplo, de colegas dela que não podiam sair de casa, que a ordem foi ficar trancada.

TF – Deixa eu antes falar uma coisa. Você está insistindo numa relação entre essa ligação criminal e os presos políticos. Fala um pouquinho mais dessa tua leitura, por favor.

GG – Eu entendo o seguinte, é... – poucas informações eu tenho sobre isso – eu entendo que quando já existe um crime, tá, já existem... ações criminosas e que esses criminosos estão presos...

TF – Eles são... são presos políticos que você tá falando?

GG – Não.

TF – Ah, bom.

GG – Do tráfico, estão presos. E junto com eles vem o preso político que tem toda uma experiência, principalmente aquele que teve experiência de guerrilha e que vem dos partidos de esquerda quando, eles se juntaram, trocaram experiências. Então... é... a informação que eu tenho é que essa troca acabou dando uma arrumação... no crime organizado. Porque a... a... o... os criminosos passaram a entender como é... lidar com a questão... com a questão da ilegalidade, até conhecendo aspectos legais, até conhecem... até sabendo como se esconder... (*interrupção da fita*)

Fita 2 - Lado B

GG – Houve um tempo em que o crime organizado fazia questão que os rapazes fossem pra o Exército, fossem servir o Exército. Era importante pra eles, principalmente pra os garotos se tornarem armeiros. (risos) Porque eles iriam lidar com armas, iam aprender a mexer com armas, além do que, a gente sabe aí... a... a... mídia... aprender a atirar. A mídia divulgou aí vários saques, né, várias tentativas de invasão nos quartéis, né, pra roubar armas. E a gente sabe também que os quartéis facilitaram bastante, tem muita gente que se deixa corromper. A... hoje em dia a gente percebe uma outra coisa: o crime tá fazendo questão de que os rapazes e moças entrem pra faculdade pra fazer Direito, e agente não precisa perguntar por quê, né? Então eu... eu acredito que essa... essa... nova visão, ela nasceu lá, né, com a antiga Falange Vermelha que deu origem ao Comando Vermelho. Nasceu lá, quando se juntaram essas duas...

TF – Mas a falange você diz... que foi de lá também? A Falange foi de lá também, a falange foi organizada lá?

GG – A Falange Vermelha, ela nasceu nos presídios, né? Fala um pouquinho Consuelo.

CG – Olha, a história que eu conheço é que a Falange Vermelha era a principal quadrilha no momento... não era assim uma organização como é o Comando Vermelho. Agora é... o bandido naquela época era um bandido que ele não... usava como escudo ainda... não tão declaradamente, a comunidade. Era um bandido que ele operava na rua e só tinha confronto dentro da comunidade, na medida que a polícia entrava na comunidade, aí ele se escondia. Mas ele... hoje em dia, o bandido usa a comunidade como escudo, antes não. Então ele tinha uma responsabilidade meio que social. Há histórias de que... de mulheres que casaram com bandidos e que só foram ficar sabendo muito tempo depois, porque o homem dentro da sua casa era bom, era legal. Ele saía para trabalhar todo dia, então era: “Ah, eu vou fazer um trabalho de segurança...” ou “Eu trabalho à noite porque sou vigia...” e recebia um ótimo salário e a mulher não sabia. Porque dentro da sua casa ele não era o bandido, ele não andava armado, ele era uma pessoa íntegra. Hoje em dia ainda há casos de... de... caras que vão pra o baile muito bem-vestidos e que as meninas se encantam e tal, é o cara fica lá no canto, não tem arma nenhuma nem nada e é o chefe da favela. E as pessoas não conhecem, não sabem. Então como eles já tinham... eles já tinham... essa preocupação social, quando juntou com o discurso do... do... preso político de que ele estava ali porque queria defender

o pobre do Brasil e eles estavam no meio de uma ditadura e tal, então juntou... juntou... um discurso com uma prática. Só que juntou um discurso... meio empolgado com uma prática...

TF – ...distorcida.

CG – ...distorcida, uma prática meio... um... um... povo que usava armas. Então eles fundaram um comando, uma organização criminosa meio que... como se funda uma associação de moradores: com estatuto, com ata, com livro e tudo mais. E o interessante é que uma das pessoas que, tem uma história do Marcinho VP, de que ele estava na Varginha numa das reuniões mais importantes que tiveram, uma das mais famosas e que ele foi o cara que... mais levantou a coisa do bandido-social. Então ele foi fazer “tour” lá pela América Latina no meio dos guerrilheiros e tal, e ele veio mais forte ainda com esse discurso de que o... o... o bandido na verdade ele protege a sua comunidade. Então, foi isso que deu o molde da Comando Vermelho. Hoje em dia descaracterizou, e muito, descaracterizou porque nada que se começa com violência, na minha opinião, nada que se começa com violência dá muito certo. Hoje em dia o bandido já não tem aquela preocupação com a comunidade. Ele... ele... ele manipula a comunidade com o querer e com a vontade dele. E isso de estimular hoje que os jovens façam é... faculdade, que estudem, é porque... é porque... inibia a coisa da grande empresa tá pegando dinheiro, não dá mais pra botar um jovem analfabeto pra ser um gerente, porque senão ele vai dar prejuízo na empresa. Não dá mais pra botar um cara que não sabe mexer com a arma, porque senão ele vai dar prejuízo. E não dá mais pra confiar em advogado de fora (risos), então tem que gerar lá dentro! Então na comunidade vai... vai..., ela tá entrando num novo caminho e... e... pra obedecer uma demanda, daqui a 10 anos possivelmente vai ter muito economista, muito advogado, muito administrador de empresas – porque o Comando Vermelho é uma grande empresa – e muito... marqueteiro. Pode ter certeza disso.

GG – É, daí então, agente voltando lá à comunidade-dormitório, na medida em que a polícia foi tomando conhecimento disso, né, a ação física, tirou... desestruturou um pouco disso, descaracterizou o espaço físico e o que ficou na Varginha, como a Consuelo já tinha comentado antes, ficaram as famílias bem... que já estavam lá há mais tempo, né, já eram antigas e porque... assim, quando saiu, quando saíram famílias pra outras comunidades, saíram pra comunidades de comando contrário. Então teve gente que foi e não pôde ficar, tem gente que foi e morreu no mesmo dia e tal. E... e... teve gente que foi pra lá, mas aí não podia voltar porque não existia mais sua casa, o contrário do CHP-2 e... do... do João Goulart, que a casa ficou e a família vai e volta, ou ficou espaço pra construir de novo, como na Varginha não ficou esse espaço porque aí, imediatamente, eles começaram a construir essas pistas, então eles tiveram que ir pra outros lugares. Então quem ficou, ficou. E aí, ficou assim uma comunidade em que as pessoas saem, trabalham, estudam e voltam...

TF – Não houve nenhum movimento de ocupação dessas pistas?

GG – Não. Não porque... ficou pista mesmo, né? Inclusive na margem do Faria- Timbó tem um tratamento muito bom, né. O pessoal que ficou na frente da sua casa construiu... plantou árvore, construiu jardinsinhos..., né, tratou mesmo do espaço que ficou em frente da sua casa. Ficou uma coisa bonitinha até de se morar. Aonde era a Ilha das Cobras, onde tinha as

palafitas, ficou uma área de lazer que é um arremedo de área de lazer, mas pelo menos não tem palafita. A gente tem que escolher aí entre o ruim e o pior, o que é que sobrou, né? E ficou assim... ela não permite mais, a implantação do tráfico... É claro que tem, a gente sabe que tem! Mas ele já não tem mais como se esconder, né, se tirou os esconderijos que tinham lá.

TF – Me diz o seguinte é... com essa organização... essa urbanização, digamos assim, da... da Varginha, esse Comando Vermelho, se deslocou ou continua aqui dentro (inaudível)?

GG – Não, ele não precisava ficar preso a uma comunidade! Né? Ele simplesmente...

WL – Precisava se expandir.

GG – Exatamente. Foi o momento que nasceu, que se reuniu pra fazer, como disse a Consuelo, os estatutos, as normas e tal.

TF – Ele saiu de lá?

GG – Saiu!

CG – À medida em que as ruas ficam largas, não têm barracos pra se esconder... é... é... uma pergunta que você fez: se as pessoas que... elas estimulavam a ação do tráfico. Não, é o lugar! Então quando o governo vem e tira as margens... as casas das margens do rio, alarga as ruas, diminui o espaço físico da Varginha, não tem mais como é... é... o tráfico se esconder! Então ele... ele vai e se desloca. Acontece isso muito em comunidade que está com ocupação, se o Jacaré tem uma ocupação, os bandidos do Jacaré, a alta cúpula do Jacaré, ela desce pra o Samora, ou pra o Mandela ou o Mandela de Pedra, porque é mais condensado, tem muitas casas boas, ruas pequenas. Aí desce pra cá, se uma delas tá em ocupação então eles têm que sair dali e ir pra outro lugar. Na verdade, eles não se ligam ao espaço físico, eles se ligam ao lugar que ficar melhor...

TF – ...naquele momento.

CG – ...naquele momento.

TF – Então pergunto eu: o favela-bairro, ele tem... o projeto de Favela-Bairro, ele tem um pouco essa proposta, não tem?

GG – Com certeza tá embutida essa proposta.

TF – A gente poderia pensar que essa proposta de... de ação do governo sobre a Varginha já teria sido uma... como é que eu vou dizer? Uma matriz do projeto Favela-Bairro?

GG – Acredito que sim. Acredito que sim e se o objetivo era esse deu certo. Deu certo porque ela ficou sem condição de abrigar o tráfico, sem condição. Ela tem três vias de

entrada. De um lado só prédio público, do outro só becos que daqui eu vejo quem fica lá, então não deu.

TF – E isso aconteceu em outras comunidades também, essa arrumação? Como é que se dá?

GG – Não. Que eu saiba não. Porque todas as construções de dentro de Manguinhos, elas permitiram novas construções no mesmo local. Por exemplo, eu saí da rua São Daniel, que ficava na beira do... do... da adutora. Desde que eu saí, já tiveram mais três remoções. E tem casas lá nesse momento. Tem barracos no mesmo lugar! Porque nada foi feito naquele lugar.

TF – Aonde, você tá dizendo?

GG – Na rua São Daniel, no CHP-2. Quer dizer, não aconteceu. Na... do incêndio no parque... na Vila Turismo, não se ocupou novamente porque apesar da Ligth não ter ocupado o espaço, eu acho que ficou muito claro o risco que se corria ali, ninguém tentou de novo. Pelo menos até hoje não, mas o tráfico também percebeu que não valia a pena. Porque também foi feita a... a margem, né, já estava pronta aquela margem do rio Faria-Timbó, ela vem desde lá... da... Capitão Bragança até à estação, então aí já... já... ficava difícil porque aí carros circulam com facilidade. Um carro pode entrar vindo de Bonsucesso e entrar pela Capitão Bragança, ela vai chegar aqui. Entra na Uranos, né, ao invés de subir ao longo da... ela pode subir, o carro pode subir tanto ao longo da estação quanto seguir pelo outro lado, a outra margem do rio. As duas margens do rio têm pista, então não valeria a pena. Então eu acho que essa ação aconteceu mais na Varginha. Mas parece que a proposta do Favela-Bairro é de fazer essa... essa... reurbanização dentro de Manguinhos também com a intenção de também fazer essa... eliminar essa possibilidade de esconderijo. Agora, interessante é que na Embratel, naquela invasão da Embratel, a intenção (risos) era exatamente fazer de novo. Então tá lá organizadinho, só podia começar quem tivesse condições de botar casa com tijolo, mas se olhar de cima você vê que é um labirinto.

TF – Pouquíssimo construído.

GG – Não, o labirinto!

TF – Ah, sim!

GG – É um labirinto. Olhando por cima, uma visão aérea, você vê que é um labirinto. O que eles querem fazer com isso? A facilidade de... quem conhece saber como sair, como se esconder, porque lá tinha um labirinto.

TF – Então você acha que o projeto do governo nesse... na... na Embratel favoreceu...

GG – Mas ali não houve um projeto do governo. Ali houve uma invasão orientada pela liderança local. É... então o arruamento, ele beneficia exatamente isso que na Varginha foi eliminado. Então quem entra e não conhece, se perde, porque é um labirinto. Tem que

conhecer. Como é o Mandela de Pedra, um monte de barraco e tem pessoas que acham que isso é um beco e vai sair dentro da casa do outro. Não é um beco, aí volta, né? É a entrada da casa da pessoa, aí se perde. Então quando o governo vem e arruma as coisas, alarga, tira beco, alarga a rua e tal, facilita. O trânsito, principalmente de carro, acaba. Acaba não, transferem. Na verdade, transferem. É como alguém que aperta uma bola de gás, apertou em cima, enche embaixo. Não tem jeito.

WL – Com isso também tá tentando diminuir um pouco da Vila Turismo. Porque quem vem de Bonsucesso, entra pela Uranos e sai facilmente pela Estrada de Manguinhos e Jacaré em diante.

GG – É.

CG – E o Favela-Bairro vai alargar as ruas, tem um projeto de alargar as ruas da Vila Turismo, pra desembocar na Leopoldo Bulhões e fazer uma linha entre a Democráticos e a Leopoldo Bulhões e ligar a Leopoldo Bulhões à Avenida Brasil. Então, essa seria também uma forma de acesso rápido de carros. E a... a coisa que eu mais reclamo na questão do Favela-Bairro é que a Varginha, ela realmente foi esvaziada, não tem ação forte do tráfico, mas em compensação, qualquer copo d'água que caia do céu a Varginha enche. Porque as obras de saneamento não foram concluídas, a paviment... a ruas, elas são meio que por conta do morador, se tá esburacada o morador vai lá e conserta... a instalação de água, esgoto, luz, é tudo muito precário. Porque a preocupação do governo do estado foi acabar com o tráfico na Varginha. Então eu acho que uma comunidade que tem essa preocupação de quando o governo chega na comunidade com a preocupação de melhorar a... a qualidade de vida do morador, eles já esvaziam o tráfico. Agora, quando eles chegam com essa preocupação de arrumar a comunidade pra que o tráfico não possa se esconder, eles só criam uma comunidade fantasma.

GG - Dormitório. Acaba gerando dormitórios.

TF – Mas ela é dormitório porque não tem emprego, porque dormitório em geral a gente associa quando as pessoas saem de casa para trabalhar em algum lugar e voltam pra dormir, né? Seria isso? Quer dizer, ela é dormitório porque ela não tem... – Isso que eu não tô entendendo de vocês. – Ela é dormitório porque ela não tem uma atividade social... ou é dormitório porque as pessoas têm que sair pra trabalhar e depois voltam só pra dormir ou sair pra ir pra escola e voltam, entendeu, como é que é...?

GG – Exatamente, ela não tem... não oferece locais de mão-de-obra, emprego pra que as pessoas trabalhem, pelo menos, nas redondezas mais próximas... A COOTRAM eliminou um pouco... eliminou não, baixou um pouco isso. Realmente a COOTRAM absorveu bastante mão-de-obra local. Mas... por exemplo, se precisamos de escola do 2º Grau, do Ensino Médio, não tem, só tem CIEP que atende até à 4ª série. De 5ª à 8ª não tem, de Ensino Médio...

MS – Agora tem, agora tem de noite.

GG – Tem, mas isso é um projeto do PEJA. É mais uma iniciativa das organizações locais buscando isso...

TF – O que que é PEJA?

GG – Programa de Educação de Jovens e Adultos. ...do que programa de educação de jovens e adultos, do que propriamente o Estado colocando. Então, desde que... agora tem, mas desde que foi inaugurado o CIEP, sempre foi de 1ª à 4ª. Né? Então quem tem, quem tá fazendo de 5ª à 8ª vai pra Bonsucesso. Quem tá fazendo o Ensino Médio vai pra longe, vai pra outras escolas, mas na região não tem. Quer dizer, não tem emprego, não tem escola, o lazer é limitado e aí só resta chegar e dormir e sair no dia seguinte.

TF – E a COOTRAM? Então fala um pouquinho da COOTRAM. Vocês já falaram algumas coisas e a gente não... (Inaudível) A COTRAN... (Inaudível)

GG – Deu branco.

CG – A COOTRAM dentro a Varginha... ela na verdade nasceu... com o intuito de... aplicar mão-de-obra de ex-presidiários, né? Uma cooperativa de moradores e... ex-presidiários e as famílias também... que sabe-se que...

TF – Por que ex-presidiários, especificamente na Varginha?

CG – Não, não especificamente na Varginha, mas no Complexo de Manguinhos. Que a COOTRAM, ela não veio limitada à Varginha. Precisava de um espaço físico e a varginha tinha. Então ela... ela veio pra atender a essa demanda, né, de familiares de ex-presidiários, veio com esse discurso. Mas é... como a preocupação foi desvirtuada, eles não... a princípio...

TF – Quem criou... A COTRAN foi criada a partir da onde?

CG – A partir do DLIS...

TF – A então a partir da Fiocruz?

CG – A partir da Fiocruz e do Fórum e de todas aquelas discursões... discussões... a família Cynamon, o... professor Cynamon veio... (inaudível) gerando na universidade aberta uma qualificação da mão-de-obra... dando alguns cursos... Então as pessoas, o... pessoal de dentro da favela começou a direcionar aquilo que já se fazia antes, que era os pedreiros que faziam bico aqui e ali fundaram a fábrica de tijolos... Aí tem a cooperativa das costureiras que também é dentro da COTRAN... Então eles vieram com todo esse projeto não voltado para Varginha, mas voltado para todo o Complexo de Manguinhos. Mas é...

TF – Mas a COOTRAM faz que atividades? Ela direciona os trabalhadores pra que atividades?

CG – A COOTRAM, ela tem, o principal dela, é prestação de serviços. Só que o pensamento é muito limitado, eles ainda não pensam COOTRAM prestando serviços, entrando em situações para muitos outros lugares. Eles pensam em Fiocruz. No dia que a COOTRAM perder a licitação da Fiocruz, não vai ser mais nada. E outros projetos como a fábrica de tijolos e... a cooperativa de costureiras e a cozinha da COOTRAM. São também ações muito pequenas. Tem a fábrica de fraldas que desmembrou da COOTRAM. Então eles... eles... promovem essas ações, mas ainda são muito pequenas, limitadas, voltadas ou pra dentro da comunidade, não tem pensamento assim de fora, ou no caso da... da prestação de serviço, pra dentro da Fiocruz. Não tenta pra fora. E... e ela virou assim tipo um... um centro de poder. Não perdeu-se o objetivo de estar atendendo a famílias de presidiários e ex-presidiários, é... é... ficou mais aquela coisa de quem indica e quem bota lá dentro e quem tira, não... não tem só moradores de Manguinhos, não atende à demanda dos moradores de Manguinhos, não congrega as mãos-de-obra, porque não tem só pedreiro e... faxineiro, em Manguinhos tem outras pessoas, outras atividades acontecendo. E por conta disso, já não atendia às necessidades de Manguinhos e muito menos às necessidades da Varginha! Então a COOTRAM ficou tipo um posto isolado dentro da Varginha.

GG – E já não está mais lá. A direção dela saiu do Samora Machel e parece que também na Varginha aquele galpão tá vazio, né, ela já está no Parque Oswaldo Cruz. Já... ela transferiu-se pra o Parque Oswaldo Cruz. E o fato de ela ter nascido na Varginha é que, apesar da... da associação, ela não... não agir muito, a direção se voltou em dado momento pra trabalhar a COOTRAM, tem um melhor espaço, a melhor associação. Eu acho que a Vila turismo tem um espaço bom e... o CHP-2 também e o João Goulart também, mas o da Varginha eu acho que é maior, só que é menos aproveitado, eles não dinamizam aquele espaço, né? A... a Vila Turismo dinamiza, tem uma escolinha que funciona, tem trabalhos acontecendo. Ela dinamiza bastante. O CHP-2 tem, o João Goulart também, mas a COOTRAM... a Varginha tem um bom espaço, tem uma boa sede, grande, espaçosa, um salão enorme, mas não é dinamizado. Mas serviu pra ser base do... do... do lançamento da COOTRAM.

TF – Olha só, você tá falando da Vila Turismo. A Vila Turismo... Você tá associando, a toda hora, a Vila Turismo à Varginha. Por que você tá fazendo essa associação?

GG – (risos) Nem tô percebendo. Isso realmente eu nem percebi que eu tô fazendo essa associação.

TF – Então a gente podia entrar na Vila Turismo?

GG – É, eu acho que... que... do CHP-2, João Goulart e Vila Turismo, a Vila Turismo é mais antiga, né? Não sei daquele histórico que a gente fez.

TF – Me mostra ali no mapa, a Vila Turismo, por favor.

GG – Me ajuda que eu sou cegueta. Socorro! Vila, Vila, Vila... (pausa na gravação) (...)

TF – Bem, Gleide, vamos voltar aqui à nossa história. A gente estava caminhando pela comunidade, e agora nós vamos entrar em Vila Turismo que vocês já estão falando algumas coisas. Eu sei que você não morou lá, mas você tem uma historinha pra nos contar.

GG – É, morei sim, lembrei agora! Foi o primeiro lugar que eu morei quando vim de Petrópolis pra cá. Eu cheguei no dia 9 de março de [19]69 na Vila Turismo. E... pelo que eu conheço assim, o que me contaram de Vila Turismo que é... é.... lá a gente observa que houve uma tentativa de se fazer um bairro, né, arrumar direitinho, as ruas são largas, a rua Gregório de Sá, a rua Santana do Livramento... Mas mesmo assim, como sempre acontece, junto do... numa tentativa do Estado de organizar é... urbanizar uma área, sempre acontece uma favelização. E... a minha mãe.... o meu padrasto contam que a família do meu padrasto veio de um lixão que tinha no Caju. Ele saiu do Caju pra lá. Assim como eles, outras famílias saíram de outras áreas pra lá, pra Vila Turismo. E mesmo algumas famílias que saíram... que receberam casa no CHP-2 ou barracões no CHP-2, algumas famílias não quiseram ficar nesses barracões e conseguiram ganhar terrenos, espaços, na Vila Turismo e lá se implantaram, deram origem aquela... aquela ocupação naquela área. Não tenho muito essa informação. Mas parece que o Wagner, que o pai dele está lá há mais tempo, ele pode estar nos orientando. E aí, Vagner?

WL – Bom, a Vila Turismo é da década de 50 e por histórias, algumas coisas que o meu pai conta, algumas coisas eu recordo. E eu acompanhei também algumas mudanças que ocorreu dentro da Vila Turismo, como... pelo fato de a Vila Turismo ter algumas ruas largas, dentro da Vila Turismo já passou a linha do ônibus 310... passou da linha 310, mas isso já há muito tempo. Tinha outra lotação que eu não recordo de qual linha que é... Acompanhei, com o meu pai... ele acompanhou alguma mudança onde hoje é a Igreja Brasil para Cristo era o... um... circo, acho quem era um circo; onde hoje é a Igreja Universal era um cinema, onde hoje é a Igreja Universal tinha um cinema... e outras coisas eu fui também acompanhando.

GG – Mas essa...

TF – Fala um pouco das características da Vila Turismo. Como é que são as construções.

GG – Era meio misturado. Ela de uma certa forma parece um pouco com o Parque Oswaldo Cruz, que tem esses dois lados, né? Ela tem as ruas pavimentadas, as casas todas de alvenaria, né, definidas, mas ela tem uma parte de becos estreitos, de barracos, de um saneamento básico meio... meio bagunçado... É... quando eu cheguei, em 69, ainda tinha muito problema de luz... porque as comissões de luz é que negociavam, é que organizavam a distribuição da energia elétrica no local. Então eu lembro que na casa da minha mãe tinha um aparelho chamado “Transformador” que tinha que tá ligado – eu lembro bem disso – tinha que ligar o transformador porque parece que regulava a entrada de energia na casa. Porque tinha picos de luz, de repente a luz vinha forte, aí queimava geladeira, televisão, tudo que tinha dentro... então aquele transformador é que regulava isso, de vez em quando tinha apagão, de vez em quando a luz ficava muito fraca, não se conseguia enxergar direito dentro de casa... tinha essas coisas meio estranhas. A Vila Turismo também sofre muito com enchentes, porque a Vila Turismo, ela também tá num fundo de bacia. A Avenida dos

Democráticos que começa na Avenida Suburbana, a antiga Avenida Suburbana e termina na Uranos, ela desce e depois ela sobe. A Vila Turismo, ela estava no fundo dessa bacia. Quando enche, quando chove muito, que enche... eu não sei se ainda tem grandes enchentes lá, mas nós já presenciamos assim enchentes horríveis, né? As casas da Vila Turismo, elas também tiveram que ser aterradas, subir muito. A Estrada de Manguinhos, a Vila turismo fica ali, tem como limite entre a Estrada de Manguinhos e a Avenida dos Democráticos... a... rua Capitão Bragança e no final, uma margem do rio, um pedaço da margem do rio... Faria-Timbó. Esse encontro da Democráticos com a Estrada de Manguinhos é num fundo de bacia. Então choveu ali, enchia e as casas da Vila Turismo transbordavam... é... basicamente pra Vila Turismo. Um pedaço do... do... CHP-2 e João Goulart também enchia. Daí as grandes remoções que eles fizeram principalmente desse pedaço, né? As remoções da rua Nazaré, da rua...

WL – Tanto que também a maioria das casas da Vila Turismo, a maioria delas tem mais de um andar, justamente por causa dessas grandes enchentes. A minha... a minha casa, por exemplo, a gente tinha que ter, a cozinha era embaixo. Porque se fosse sala embaixo, ia acabar perdendo tudo. Eu já peguei uma enchente grande já, quando eu morava na Vila Turismo, e... vi sofá, até sofá boiando, essas coisas todas. E teve gente que perdeu muita coisa também. Até... a minha tia... inclusive a enchente foi tão forte que a minha tia guardava dinheiro pra poder sair, sair até da própria Vila Turismo mesmo. Ela tinha um dinheiro guardado dentro de casa. Demorou mais anos pra sair porque a enchente acabou levando o dinheiro, acabou levando tudo. Aí foi uma tragédia e tal...

GG – Aconteceu muito, as casas têm, ainda têm ali na rua Novacape, no chamado Beco do Pepeu, ele tem uma barreira, né, eles... eles fizeram na Estrada de Manguinhos pra Novacape, eles fizeram uma lombada grande, mais de um metro de altura, porque o rio já subiu bastante. É pra barrar mesmo a onda quando a Estrada de Manguinhos enche. E as casas têm na sua entrada, têm uma barreira, né? Que eles colocam assim: você entra, você sobe (risos) e depois desce pra dentro de casa. Na casa onde o meu padasto morou, onde estão agora os seus irmãos: são duas irmãs e um irmão, a... eles aterraram, aterraram, aterraram e depois construiu em cima. Só que continuou, quer dizer, aterraram a casa, mas não mudou a situação, do lado de fora da casa, então quase que não dá pra ficar em pé dentro da casa da Ivone, essa irmã do meu padasto. A casa dela tá bastante aterrada. Uma pessoa mais alta tem dificuldade de circular dentro da casa. A janela dela... a varanda já tá chegando na janela. Porque como têm casas em cima, ela não tem mais o que fazer, ela ficou com o que sobrou de pior dentro da casa. E outras casas da Vila Turismo tem nessa situação. Situação de esgoto...

TF – Foi na Vila Turismo que nós vimos aquela casa baixinha? Não?

GG – Não, ali... bom, tem essa... Não, não foi Vila Turismo. Ali existe essa confusão de a gente não ter certeza se era João Goulart ou se era CHP-2. Eu entendia como CHP-2. Mas não era ali não. Mas é próximo, é próximo. Todo aquela área foi muito aterrada. Toda aquela área subiu muito. A Estrada de Manguinhos ela tá bem acima do que ela era antes.

TF – Mas os alagamentos são por conta dos rios que transbordam, ou não?

GG – Não tenho bem certeza porque a Vila Turismo tá distante do rio Jacaré. Ela tá mais próxima...

TF – Então é falta... de canalização...

GG – Acredito mais que seja isso...

WL – Falta de dragagem.

GG – Dragagem. Eu acredito que seja mais essa questão do esgoto mesmo, do... do saneamento básico que não é bem feito. Apesar de que nos anos [19]70... – não me lembro em que ano precisamente – houve uma... fizeram uma obra muito grande, um buraco enorme no encontro da rua... do... da... da rua... da Estrada de Manguinhos com a Avenida dos Democráticos. Eles fizeram um buraco enorme, construíram não sei o que ali. Eu acredito que tenha a ver com essa questão do esgoto. E tem lá também um...

TF – Mas melhorou?

GG – Melhorou, melhorou. Depois disso a gente observou que melhorou. Mas não resolveu, ainda tinha. Eu peguei em 72 uma enchente, eu morava atrás da escola Ema Negrão de Lima, que é atrás da escola de samba e em 72 a minha mãe foi pressionada a trocar de casa e nós fomos pra o CHP-2, pra Coréia.

TF – Pressionada como assim?

GG – Porque a Fundação Leão XIII não permitia que os moradores trocassem de casa. E a minha mãe não queria morar... minha mãe estava morando na casa da minha tia e queria um espaço pra ela. Meu padrasto fez um acordo com a GE, a GE mandou ele embora, deu a ele parte da indenização e com isso ele comprou uma casa, que foi essa atrás da Ema Negrão de Lima. Mas acontece que a Fundação não permitia isso.

TF – Mas por que a Fundação Leão XIII, que ação que ela tinha...?

Fita 3 - Lado A

TF – Entrevista com Gleide Guimarães, fita número 3, para o Projeto História das Comunidades de Manguinhos, dia 7 de abril de 2004. Continuação da fita 2.

GG – A Fundação Leão XIII, ela ficava responsável de tá gerenciando esse deslocamento de moradores dentro da comunidade. De dentro e de dentro pra fora, ela que fazia. Então, era ela que trazia moradores dos outros lugares pra cá e ela que, quando tinha alguma remoção, ela que resolvia isso, ela que acompanhava isso. E não permitia que se passasse nada entre os moradores, tinha que passar por ela. E... tinha que pagar uma taxa... ela

resolvia. E a minha mãe, ela fez... o meu padrasto fez a compra dessa casa com um morador, não falou nada com a Fundação. Mas o morador, ele foi muito honesto, ele acabou de receber o dinheiro, ele foi lá e falou na Fundação. E o trato era: quem comprou e quem vendeu, os dois davam uma taxa pra Fundação. E quando... quando denunciou isso, essa pessoa, essa família tinha alguma... algum conhecimento dentro da Fundação e aí a coisa ficou ruim pra o lado da minha mãe. Aí começaram a pressionar dizendo que ela tinha que devolver a casa, entregar a casa pra Fundação Leão XIII e... que... ela não podia fica... fazer esse negócio da forma como foi feita. E eles colocaram algumas opções: uma opção é que fosse morar na Coréia, que na ocasião era assim um palco de violência. Ninguém queria morar na Coréia. Foi na ocasião da Guerra da Coréia por isso esse pedaço dentro do CHP-2 se chama Coréia. E ninguém queria morar lá. Ou que fosse para o Cesarão¹⁸, um conjunto que tem lá na... em Santa Cruz. Minha mãe foi até lá pra ver como é que era esse conjunto e voltou de lá arrancando os cabelos porque era um monte de casinhas no meio do nada. Além disso... além do que era muito longe e esse Cesarão estava começando. Começando. Eram só as casas mesmo, não tinha nenhuma estrutura de apoio pra se implantar o morador lá. E aí a minha mãe veio e disse que pra lá não tinha condições de ir, um monte de criança, estudando é... meu padrasto com a vida plantada aqui... porque ele fez um acordo com GE pra voltar pra GE, então não tinha condições de ir pra lá. E ela teve ser... teve que... foi obrigada a aceitar a negociação da Fundação e ela foi morar na Coréia e cedeu essa casa pra uma família que a Fundação permitiu que morasse nessa casa. Mas foi interessante que nós saímos em dezembro pra um barraco na Coréia, quer dizer, saímos de uma casa de alvenaria que tinha forro, tinha teto em cima e fomos morar num barraco na Coréia e quando foi em fevereiro, encheu de tal forma... a enchente foi tão forte que a família que ficou na casa teve de sentar no forro com as pernas dentro d'água. A casa encheu totalmente. Não deu assim pra salvar nada que tivesse dentro de casa, só a família. Passaram a noite sentados no forro com as pernas dentro da água. Então aquilo ali alagava mesmo e foi depois dessa obra, resolveu alguma coisa, mas não... essa casa é perto daquela enterrada. Tá bem próximo daquela casa enterrada. Um pouco mais pra dentro da favela. A casa enterrada é mais próxima da Estrada de Manguinhos. Aquela área ali é bastante açoitada por enchente. E a Vila Turismo sofreu bastante com isso. Além... além do que, tinha uma rua que vivia com o esgoto, não sei se era a Geografia...?

WL – A Geografia. A Geografia passou por mais de 10, a Geografia passou pra mais de 40 ou 12 anos alagada. Alagada. Não...

GG – Chovendo ou não!

VL – Chovendo ou não. Faça... Até me lembro do ditado: “Faça chuva ou faça sol”, ela vivia alagada. Eu acho que mais ou menos em 95 ou 96, fizeram uma obra, asfaltaram e tiraram a água de lá. A Geografia, hoje ela tá normal.

GG – É, mas ainda tem... nós passamos por lá e vimos que tem aquelas poças, né, escorre óleo das oficinas, né, tem umas coisas...

¹⁸ Comunidade de Santa Cruz.

VL – É, de alguns galpões...

TF – Que galpões são esses? Galpões de que, que você tá falando?

GG – Olha, é até estranho dizer, porque... nós... nós... eu circulei com o ciclo das Seguranças Químicas, com a Fátima¹⁹, e nós tivemos dificuldade de saber... o que é que tem ali. Porque são tantos galpões, portões fechados...

VL – Sempre fechados.

GG – Sempre fechados, exatamente. A gente não consegue saber o que tá acontecendo lá dentro, a gente não sabe, a gente circula e olha e pergunta e não sabe. A Fátima ficou...

TF – Vocês perguntaram aos moradores?

GG – Tem uma área que não tem moradores, que é essa área que não faz parte da Vila Turismo, mas que dá fundos pra Vila Turismo. Aí nós circulamos nela, são é... assim... um quarteirão inteiro e a gente teve dificuldade de saber o que acontece lá dentro. A gente só vê esses óleos escorrendo, esse esgoto... ainda tem algum esgoto... Não é como era, realmente o Wagner falou a coisa certa, a Geografia ficava até a metade, a gente tinha que botar tábuas pra passar. Não tinha como andar na Gil Gafrée.

WL – Não tinha mesmo.

GG – Era... alagada mesmo, né, o esgoto estava na porta das pessoas. A... sendo que a Geografia tem um lado da calçada que são esses galpões, o outro, moradias. E aí... resolveu-se, como ele disse... o problema, mas ainda tem essa coisa desses óleos escorrendo que a gente não sabe a sua origem.

VL – Mas chegou a se... ser até apelidada como “Rua da lama”.

GG – É, Rua da Lama. A chamada de “Rua da Lama”, por conta disso.

TF – Sim. Então Vila Turismo a gente já encerrou?

GG – Não, eu acho que não tem muita, muita coisa pra falar de Vila Turismo não.

TF – É... caminhando ali, depois da Vila Turismo, a gente chega no CHP-2 e João Goulart, é isso?

GG – É, tem o CHP-2 e o João Goulart e se a gente seguir em direção a Bonsucesso a gente tem a... Vila São Pedro e a Comunidade Agrícola.

TF – Pra onde você quer caminhar? Vamos pra o CHP-2?

¹⁹ Fátima Pivetta, responsável pelo Projeto DLIS.

GG – Eu acho melhor.

TF – Então vamos lá. Então vamos para o CHP-2. Por que é que se chama CHP-2?

GG – Centro de Habitação Provisória 2.

TF – Podemos começar pelo provisória.

GG – (risos) É um provisório que tá aí, né, há mais de 50 anos. É um provisório que a gente não entende por que... por que é provisório. Pelo jeito o “P” ficou mais pra Permanente do que pra Provisório. E tem uma coisa interessante no CHP-2, ele... ele tem casas... de alvenaria com forro, com telhado, as casas no modelo original, elas têm dois quartos, sala, cozinha, banheiro, varanda e quintal com uma área de serviço. Mas ele também tinha barracões, barracões de tábuas corridas. E... conforme a Graziela já levantou, né, a origem da CHP-2 é de várias remoções, né, aquele projeto do Pereira Passos, tirando pedaços de comunidades de, como disseram, né, casas não-higiênicas né, que compuseram o CHP-2. E o CHP-2 é... dentro, desse espaço do CHP-2, é... agente...

TF – Mas o CHP-2 não é tão antigo! De quando é? É de quando?

GG – É antigo, é de 50. 50. Tem pedaços que têm nomes distintos. Que eu não sei... se... os moradores antigos ainda... ainda sabem diferenciar. Por exemplo: tem uma parte ali da rua São Daniel, mais próxima da Igreja São Daniel, que é chamado de Pioneiras. O pessoal diz: “Ah, vamos nas Pioneiras!” Eu não lembro... não sei por que isso. – Você conhece essa história? – Eu não sei por que, mas é chamada de Pioneiras. Tem a Coréia, que não são casas, são os antigos barracões que as pessoas foram modificando, mas...

TF – Que eram do incêndio.

GG – Não. Que foi construído pela... pela Fundação Leão XIII. A Fundação Leão XIII, a sede dela é no CHP-2. É lá na frente, na... na Democráticos 30.

TF – Como é que era esses barracões? Como é que você descreve.

GG – A gente viu nas cópias do arquivo, né, eram... parecem... vagões, olhando pra eles parecem vagões.

TF – De trem?

GG – É, vagões de trem, aquelas tábuas corridas, né, três degrauzinhos, eles estão acima do piso. Ele é todo de madeira, de telha francesa e que...

TF – Mas com cômodos separados? Um cômodo pra cada família...

GG – Eu não sei... eu não sei como é que eram por dentro... Não sei como eles eram por dentro. Eu não se era... se eram galpões inteiros e a família subdividia... Realmente eu não lembro de ter entrado em algum. Eu lembro de tê-los visto por fora. Tanto que na época...

TF – Ainda estão lá? Não.

GG – Se procurar a gente ainda encontra pelo menos um pedaçozinho no CHP-2 e no João Goulart. A gente ainda encontra, por que essas madeiras são boas, duram muito tempo, a gente ainda encontra. Mas eles já... devido ao tempo, as pessoas já demoliram, já construíram de novo de outras formas. Mas tem essas divisões: tem as casas que estão do campo... que é hoje chamado Campo do Gabriel, pra frente.... lá na frente tem um grupo de casas; tem a parte da Coréia também fazia parte do CHP-2 e não eram casas; tem mais próximo da Vila... Turismo, que é Rua Nazaré, Rua Adelaide que também... que são casas e tem as Pioneiras que é essa parte da Rua São Daniel, Rua Pernambuco, Rua Maranhão, que também são casas construídas. E... misturado... ah, isso! No CHP-2 foi aonde... se construiu e se demoliu os prédios, os prédios... os prédios de... se não me engano, quatro ou cinco andares.

TF – Ah, conta essa história pra gente, dos prédios.

GG – Quando eu cheguei aqui em [19]69 eles ainda estavam habitados e funcionando. Em 72, depois dessa grande enchente, eles ainda estavam lá, eles foram demolidos, se não me engano, de 73 pra 74.

TF – Eles foram demolidos por que e por quem?

GG – Eu acredito que pelo Estado que os condenou, disse que eles estavam rachados depois dessa enchente e que eles não tinham condições de ficar lá.

FS – Eles... eles foram construídos como resultado de uma política habi... habitacional também?

GG – Com certeza. Eu só não sei se eles foram construídos na mesma época que as casas, isso eu não sei. Mas eu sei que quando eu cheguei tinham prédios, tinha uma escola, a Escola Olavo Freire, que era agora... onde tem uma quadra de esportes no encontro da Democráticos com a... com a Suburbana²⁰. E... era um... era um conjunto de prédios. Tinham dentro do CHP-2, tinham mais na frente da rua e... nos anos [19]70, não sei se em 74 ou 73, eles foram demolidos, foram dados como condenados e foram demolidos. E ficaram lá uns cacos, uns entulhos e aí... teve criança que morreu presa na cisterna porque mergulhavam na cisterna e aí acabou ficando presa por um vergalhão que prendeu no short, o garoto ficou preso lá embaixo e morreu... É... soterraram muito... a... a água, o CHP-2 so... sofreu muito com falta d'água porque os canos, eles simplesmente demoliram e foram embora, ficaram lá os escombros e... e... esses escombros foram sendo tirados gradativamente pelos moradores, à medida que o morador queria um espaço, ele limpava a

²⁰ Av. Suburbana, atualmente Avenida Dom Helder Câmara.

área, né, e... construía lá seu barraco, sua casa. Ali onde tem a Rua Regina, que foi onde você morou, os prédios eram ali, depois do Campo do Gabriel, onde tem a Rua Regina, Rua... atrás das casas. Porque o CHP-2 tem casas da Democráticos até mais ou menos, seguindo em direção ao Campo do Gabriel, depois terminam as casas e só as barracos ou casas construídos pelos próprios moradores. Ali, onde estão essas casas, que tinha os prédios. E mais a frente, onde está a Associação de Moradores do CHP-2, também tinha prédios e a Escola Olavo Freire mais pra frente. Aí... conforme... ficou lá, aqueles escombros, o pessoal foi tirando como podia, aterrando cisterna e foi construindo seu espaço e hoje a gente olha e não tem nem idéia, quem não conhece, não tem idéia de que ali teve um conjunto de prédios.

TF – E essas pessoas saíram dali, foram pra onde? Foram removidas, foram instaladas... como é...?

GG – Foram removidas para... Vila Kennedy, um conjunto construído na Vila Kennedy, também para Senador Camará, Padre Miguel...

TF – Então foi uma remoção patrocinada pelo Estado?

GG – Pelo Estado, pelo Estado.

TF – E essas pessoas voltaram depois?

GG – Nem todas, algumas... Sempre tem volta, né?! Não tem jeito. Sempre tem volta até porque essas remoções, elas acontecem da seguinte forma: se planta um monte de casas onde não tem nada e bota o morador lá. Quem consegue sobreviver, fica; quem não consegue, acaba dando o seu jeito e volta! Mas tem gente que ficou lá, inclusive na... na... já tem gente... já escritura da casa lá. Já passou mais de vinte e tantos anos, já recebeu sua escritura, já se organizou e conseguiu sobreviver num local tão distante. Mas é... é... nesses prédios, eu sei de família. Ontem mesmo eu encontrei com moça. A família dela foi para Senador Camará, que foi a família dela que abrigou minha família na enchente de 72, quando nós saímos desse barraco da Coréia, atravessamos o campo com água acima do joelho e fomos pro... pro apartamento da mãe dela, em 72. Um ou dois anos depois, esse apartamento foi demolido e a família da mãe dela foi pra Senador Camará. Mas teve outras famílias que foram pra Padre Miguel... pra Vila Kennedy... pra Cidade de Deus... pra onde mais? Dali da... da Rua Nazaré, Rua Adelaide, saiu uma remoção pra Estrada do Quitungo, Guaporé, ali na Penha. O conjunto foi um dos mais próximos que eles construíram, foi ali. Mas também construíram na... Cidade Alta de Cordovil, a Cidade Alta e Cidade Baixa, quer dizer os prédios e as casas do pessoal... teve remoção de dentro do CHP-2 pra lá. Essas foram as mais próximas: Cordovil e a Penha, porque o resto foi pra bem distante e cada vez mais distante. Eu acho que eles vão caçar o fim de mundo quando quiser remover o resto do povo que ficou por ali. É cada vez mais longe, assim, de difícil acesso. Quer falar?

CG – A política, a política mesmo de... erradicação de favela, ela prevê isso.

TF – De erradicação de favela?

CG – É. Porque veio tudo... é... é...eu ‘tava... eu ‘tava vendo por alto assim, com a Grazia [Graziela], que essa política de erradicação de favela foi uma herança que o Pereira Passos é... é... recebeu, uma idéia que aconteceu na França e que ele... veio implantar aqui. Então, na verdade, quando vieram... o pessoal... do... pra fazer o Centro de Habitação Provisória, a idéia era tirar as favelas do centro urbano, ali do Centro da cidade, Zona Sul, as grandes vias, tirar e enfiar em algum lugar. No momento, Manguinhos era o lugar mais..., mas distante. Agora, quando veio a remoção de Manguinhos pra fora, eles tinham duas idéias, primeiro: é... desarticular o ajuntamento ali em Manguinhos, dar uma limpeza porque Manguinhos já era mais próximo assim do Centro da cidade, por assim dizer, já tinha grandes vias, já não era mais bonito ficar aquele ajuntamento de pessoas... e essa coisa do muito longe, era porque a idéia era justamente desarticular, é como se você fosse pegar uma grande quadrilha e você colocasse cada um em um canto pra não ter muito contato. E hoje em dia a gente ainda vê isso. E infelizmente nessa época as pessoas iam para... para esses lugares longe sem aparelhagem social nenhuma! Então quem conseguia sobreviver, conseguia sobreviver na necessidade do outro. Se eu tinha uma padaria, sobrevivia porque tem gente que precisa comprar pão. Então entrava pra casa, começava a fazer pão num forminho, não tinha padaria nenhuma, quem tinha que comprar pão, a padaria mais próxima era dali a dois bairros, então já vendia ali. Então era uma padaria, era uma mercearia, era um pequeno açougue... eram serviços que eram gerados ali dentro, as pessoas que conseguiam sobreviver, eram aquelas que tinham... é... elas atendiam à demanda de quem ali ‘tava. Mas é... a remoção, ela acontecia de um dia pra o outro, do tipo “amanhã vai ter remoção” e já vinha um caminhão pra fazer a mudança, os ônibus pra levar as pessoas e o... o trator pra demolir a casa. Então não dá pra avisar a diretora da escola que o filho vai faltar por um tempo, não dava pra avisar a patroa ou o patrão ou a empresa, não dava pra nada! Num dia você estava morando num lugar, no outro dia você estava sentando sua mudança em outro! E a distância era assim absurda! E você sem saber... é... é... como voltar de Senador Camará e pessoas empregadas que prestavam serviços em Botafogo, aí “como é que você vai sair de Senador Camará pra ir pra Botafogo e tal?”. Então, por isso é que muitas pessoas acabavam é... é... ficando, voltando pra Manguinhos, por uma coisa de segurança, por não saber lidar com a cidade e... e o pensamento de erradicação de favela ficava, fica ainda no... na mente do governo, porque de certa forma, até a pessoa voltar e se organizar novamente e criar... essas... criar assim... raízes, levava-se um tempo. Então dava-se a impressão de que realmente conseguiram desarticula uma... uma quadrilha (risos), um ajuntamento, porque até se voltar a juntar, levava-se um tempo. Mas isso realmente não funciona.

GG – É, a gente tem aí a experiência do pessoal que passou pelo incêndio que foi pra o Margarça²¹, foi pra Campo Grande, foi pra esses fins de mundo aí pela Zona Oeste que ‘tá em franca expansão e... a... quem ‘tá lá reclama que a vida tá muito difícil. Que a rua não tá asfaltada, que ainda não tá iluminada e que não tem escola, e que não tem posto de saúde, que é distante o comércio, ainda reclama muito disso. Por conta disso, o pessoal tá vendendo suas casas por qualquer dinheiro e voltando pra qualquer lugar, voltando pra qualquer canto! Mesmo quem foi, a gente tem... um garoto que eu vi crescer, ele ganhou

²¹ Localidade para onde foram as famílias vítimas do incêndio de 1999.

uma casa lá na... na Zona Oeste e ele tentou, durante um tempo ele tentou morar lá. Porque afinal de contas, ele... ele morava com os pais, a mulher dele morava com a mãe, de vez em eles... é... revezavam entre a casa dele, na mesma rua, e a casa da mãe dela. “Então, já que temos uma casa, vamos tentar.” Mas a escola do garoto é aqui, lá eles não conseguiram escola. O trabalho dele é na Ilha, o trabalho dela no Centro da cidade, então ficava difícil, até pra própria família se encontrar nesse... nessa... nesse deslocamento todo. Ele tentou, ele segurou a casa dele por mais de um ano, mas não teve jeito, ele acabou tendo de vender lá e pegar o dinheiro e investir na casa da mãe dele, aliás, da sogra dele. Pra continuar morando aqui porque não teve jeito! Quer dizer, ele tinha uma estrutura, ele tinha quem pudesse dar, ele não precisava pagar aluguel, largar a casa lá, ele podia morar com os pais e tinha o dinheiro guardado, do trabalho e tal, pra poder se manter lá, mas não deu, não foi possível. E tem pessoas que não têm condição mesmo! E a gente fica besta de saber que agora, na virada do século, o pessoal pega... o pessoal do incêndio quer... no momento em que acontece a gente não consegue fazer a leitura correta. Por que o que é que a gente pensa? O pessoal que perdeu a casa num incêndio, ocupou o Brizolão, foi perseguido de todas as formas, obrigado a aceitar o que aparecesse, conseguiram finalmente uma casa “Oba, ah uma casa!”, mas daí, quando você vê a casa é que você vê a crueldade da coisa. Quando eu fui no arquivo, que eu olhei o mapa da cidade – é incrível, a gente lida o tempo todo com educação e não vê um mapa – quando olhei um mapa da cidade, localizei Manguinhos, localizei pra onde esse povo foi, eu fiquei com um nó na garganta, fiquei com vontade de chorar! Falei: Meu Deus, o povo já era miserável aqui, próximo do centro da cidade, com toda condição, nem que fosse de catar xepa no CADEG, agora imagina lá (CG - Inaudível), do outro lado do município, na outra ponta, isso é muito cruel! É difícil de agüentar isso, é difícil se implantar lá, é difícil viver! E aí quando vem um sociólogo ou vem alguém lá... sei lá... não sei das quantas e diz que o povo gosta de miséria. Como gosta de miséria?! “Ah, mas eles ganharam uma casa.” Vai morar na casa onde eles moram pra ver qual é a situação que eles têm pra ver se é possível! Não é a casa, a casa não resolve todos os problemas! Eu acredito... eu sei que tem pessoas que têm uma, precisam passar por um resgate social muito grande, a sua dignidade tá muito a... a... aviltada... No Nelson Mandela, tem gente que saiu de Manguinhos e veio pra o Nelson Mandela, vendeu casa, foi morar debaixo da... da... Malvina e dali foi pra outro lugar e rodou... Eu sei que isso, nesse caso é uma situação da pessoa, que ainda não conseguiu é... é... se resgatar, resgatar sua cidadania, sua... sua dignidade, não conseguiu entender que precisa de uma moradia melhor, mas pelo menos tá aqui perto. Agora, nesse caso é diferente, é muito cruel! Tirar um grupo de pessoas que se conheciam, que moravam próximas e espalhar na Zona Oeste do outro lado município sem nenhum apoio! Fica muito difícil sobreviver! E daí essas voltas. Há quem tente, há quem lute pra segurar seu cantinho. A gente tá lá, uma vizinha da Consuelo, uma garota que foi criada junto com ela, estudou no mesmo CIEP, ela tem a casinha dela lá, mas ela não tem condições de ir pra lá. O marido acabou de sair da cadeia, conseguiu um emprego, ela tá trabalhando, ela tem um filhinho. Ela só vai na casa dela pra dizer “oi!” em casa e não perder e volta. Fica morando na casa da mãe! Até tem condição de fazer o mesmo que o Tatau²² fez: vender lá, investir na casa da mãe, botar uma laje e morar aqui, porque não há condição. Quer dizer, é... a... a gente observa muito essa... essa coisa do vai-e-volta do

²² Conhecido da entrevistada, também morador da Comunidade Mandela 1.

morador da... Eu não sei se em outras comunidades se vê isso, mas aqui eu observei isso durante muitos anos. Isso é muito duro de aceitar.

CG – E sem falar da estrutura da casa, né? Porque o governo às vezes entrega, como nos foi entregue, uma casa sem luz, sem água e... ao menos as ruas estavam pavimentadas, mas nessa última remoção do incêndio, é... tem fitas que o CCAP²³ gravou da saída do pessoal daqui, todo feliz da vida. Quando chegaram lá... encontraram as ruas enlameadas, aqueles... barro vermelho, aqueles morros de barro... e realmente no meio do nada, não tinha um ponto de ônibus, a Dutra passando e, poxa, pegar os ônibus assim na Dutra, né, fazendo sinalzinho de leve, não dá! E era... e eram umas casas assim no descampado, não tinha luz e não tinha água. E era como uma distância, como daqui da Expansão²⁴ até Olaria, pra se comprar um pão... Não tinha um bar, não tinha um supermercado... Aí se não tinha bar e supermercado, escola e hospital então... aí que não tinha mesmo! Então: o povo chegou lá, (Inaudível) assentaram suas... é, nem ônibus tinha, chegaram lá, assentaram suas coisas... No dia seguinte, botar filho na escola, lá não tem passe-livre, alguém passou mal, uma grávida dá a luz... num... não tem condições! Um mês depois o pessoal do CCAP foi lá fazer a filmagem pra ver como é que estava o povo, o povo já estava reclamando de novo! Aí quem olha de fora diz: “Pô, esse povo não tá satisfeito com nada!” Mas... é... a senhora estava reclamando que o filho dela estava há um mês sem ir pra escola e a diretora já tinha ligado pra o celular dela perguntando por que é que a criança não estava indo e que ia chamar o Conselho Tutelar. E a outra dizendo que não tinha hospital e o outro dizendo que o governo ficou uma semana lá... fazendo documentos de quem tinha perdido seus documentos e tal, depois disso foram embora, e tudo o que o governo tinha prometido não cumpriu (risos). E ainda hoje as ruas estão sendo pavimentadas pelos moradores em mutirão. Porque o governo não... não pavimentou as ruas, não continuou a construção das casas.

TF – Ham, sim, vamos voltar pra cá, estava no CHP-2 e João Goulart.

GG – É... a história se mistura um pouco, o João Goulart também tem mais ou menos essa... essa mesma dinâmica, né, essa mesma história, se mistura um pouquinho.

TF – Em termo das remoções, que você diz?

GG – Teve. O João Goulart teve até porque o João Goulart tá muito próximo do rio Faria-Timbó, né?! Tá ali na beirada do rio Faria-Timbó. E saiu uma boa faixa, ali bem próxima da... bem de cara com a estação, saiu uma faixa de moradores. Saiu uma outra faixa quando... que... que... o João Goulart, ele... ele... sai uma faixa da beirada do rio, porque não havia pista, as casas chegavam bem na beira do rio. Saía uma faixa na beira do rio ao longo da estação e tinha uma faixa do outro lado que eu não sei se pertencia ao João Goulart ou se pertencia Vila Turismo. Umás casas, altas até prédios de três andares... – se lembra? – que ia da Estrada de Manguinhos, final da Estrada de Manguinhos em direção a... a... a Bonsucesso, mas não ia ao longo do rio até lá embaixo não, umas poucas casas ali nos

²³ CCAP – Centro de Cooperação de Atividades Populares, na Comunidade de Vila Turismo.

²⁴ A depoente refere-se a parte da Expansão da Fiocruz.

prédios de três andares, casas altas, que também saíam dali. E foram aqui pra próximo. Quer dizer, teve remoção pra aqui também, pra... pra essa faixa da Maré, esses novos conjuntos aqui na Maré. Aí você me pergunta: dali também voltaram? Sim, mas por um outro motivo. Alguns voltaram, já... mas não foi essa coisa do “longe de tudo”, uma casa plantada no meio do nada, aqui já foi a questão mais da violência. Porque também tem que ser feito um estudo nesse sentido: é... não adianta querer tirar um morador daqui que está, infelizmente, querendo ou não, envolvendo-se ou não, debaixo de um comando e misturá-lo com outro, porque isso vai gerar conflito. Porque muitas das vezes eu não estou envolvida, mas eu nem sei que meu filho está. Então na hora em que muda a família, chega lá o filho não pode entrar, a mãe entra, o filho não. Como é que fica? Aí vem a família toda de volta. Vem a família retornando porque...

TF – (Inaudível) traficantes.

GG – Exatamente. Porque senão vai estar entrando em conflito. Mas houve remoção pra aqui, pra a Maré, conjunto... Salsa e Merengue...

TF – De Manguinhos pra Maré?

GG – Isso. A própria Varginha praticamente saiu daqui pra lá, né? Os (Inaudível) que saíram da Varginha foram pra o Salsa e Merengue.

TF – Salsa Merengue é aonde?

GG – Salsa e Merengue e o outro...

CG – Pinheiros.

GG – Pinheiros.

TF – Ah, tá. Pinheiros é aqui atrás, né?

GG – Aqui atrás, saíram pra lá. Se a gente circular por lá a gente encontra muita gente da Varginha lá. Deu pra ficar. Quem... quem conseguiu, realmente, se identificar enquanto morador, que não tinha nenhum tipo de envolvimento conseguiu ficar e deu. Mas a gente vê que é diferente, né, a estrutura era outra, já tinha outros conjuntos, a Maré já tinha todo um outro trabalho de ocupação.

TF – E é perto, né?

GG – E é perto. Pode ser até contramão, porque a gente às vezes saía daqui e ia a pé aqui por dentro, pra poder visitar conhecidos, parentes aqui. Pode ser até contramão, mas é perto. É diferente do outro lado do município, que... aquilo é muito doido, muito cruel, não tem condição. O CHP-2, ele tem uma associação de moradores que... que foi muito atuante nos anos 80, e foi ela que trabalhou, basicamente ela, com algum apoio do... do João Goulart e da... Vila turismo, mas basicamente o CHP-2 pra... pra uma negociação que gerou o

Conjunto Nelson Mandela... a... a atuação do CHP-2 foi fundamental. Era ela é que ia às secretarias pra estar acompanhando o processo, até porque era dela que ‘tava sendo tirada uma faixa pra ocupar o Nelson Mandela. As enchentes de [19]88, o incêndio de 89, a enchente... – parece que houve novamente uma enchente em 91, 92 – foi o que aceleraram. Porque (Inaudível) o CHP-2 é de 90... o... Nelson Mandela é de 90, mas essas... esses outros movimentos aceleraram e incharam o projeto que era a princípio para moradores do CHP-2, os moradores da área de risco do CHP-2. Então ela foi assim muito atuante. E... depois da... da chegada ao Nelson Mandela, eu perdi contato com a associação do CHP-2 e não sei bem agora como ela agora está atuando. Ela tem... a escola, tem duas escolas, tem uma escola que tá em obra, que é a Escola Albino Souza Cruz e a Escola Ema Negrão de Lima que é antiqüíssima e inclusive contou com a visita da 1ª Dama do Estado na inauguração da escola e cria uma escola de samba.

TF – João Goulart ou CHP-2 que é a escola de samba? CHP-2?

GG – CH.... eu acho que era CHP-2, eu... eu fico nessa dúvida porque pra mim é CHP-2, na minha visão aquilo ali é CHP-2. Pra mim João Goulart é essa faixa mais ao longo da estação, ao longo da via férrea e essa outra é entre o rio e a via férrea.

TF – Essa confusão que você diz, pra você, significa que pra outras pessoas não quer dizer (Inaudível)....

GG – É porque quando eu trabalhei como agente de saúde na Fiocruz nos anos 80, a gente.... antes de ir a campo fazer efetivamente o trabalho que estava sendo preparado, nós fomos a campo levantar... é... os limites das comunidades, porque cada... cada dupla de agentes de saúde ia dividir uma comunidade, quando a comunidade fosse muito pequena ficaria uma só, mas a CHP-2 é muito grande. Então nós fomos a campo e a divisão que nós fizemos na ocasião era essa. Eu tinha muito claro pra mim que os limites do CHP-2 eram: a Democráticos, a Estrada de Manguinhos e a Nossa Senhora dos Navegantes. Dali pra dentro, o CHP-2 ao longo da faixa da estação e mais essa faixa entre o rio e a via férrea, pra mim era João Goulart. Então pra mim estava muito bem definido. Até porque as casas na... na Rua Pernambuco, Maranhão e tal... onde era casa construída pra o CHP-2... onde era casa, CHP-2; barraco ou construção própria, João Goulart... Então o espaço... (...) *(interrupção da fita)*

Fita 3 - Lado B

Diversas pessoas falam - (Inaudível)

GG – ...cansei já... Quer dizer, eu não sei...

TF – Mas... é... eu não tô entendendo essa coisa dos limites. Tudo bem, uma coisa é você olhar e você como moradora, detectar que tem uma similaridade física, né, e... fazer essa denominação. Ao mesmo tempo tem outras comunidades que no seu interior existem

contradições e discordâncias estruturais: as casas formadas, outros barracos e etc. e tal. Então como é que fica essa diferenciação pra o Estado? No censo? Elas são... são... cen... “censadas”? Essas comunidades...

GG – Não sei, eu não sei... Sinceramente eu não sei dizer como é que o Estado vê isso. E... a minha...

TF – Então essa discordância seria entre os próprios moradores.

GG – Eu acredito que sim. Eu acho que a gente vai ter que estar conversando e observando, na questão... identidade. Identidade. Como esse morador, ele mora aqui, como ele se identifica, o que é que ele chama, qual a comunidade que ele diz que mora. Se ele disser que é... que é... João Goulart, é João Goulart. Se ele disser que é CHP-2, é CHP-2. Agora... fica difícil, é... eu tenho uma visão, fica difícil eu... eu entender da onde foi que... que misturou a coisa. Era interessante conversar com a associação de moradores porque eles... de repente eles têm essa coisa mais definida e conseguem informar melhor o seu morador. Porque o que o que acontece também é o seguinte: eu moro aqui, meu filho cresce, casa, vai morar aqui, às vezes ele continua levando e meu endereço, porque ele ainda não se identificou com o endereço dele. Continua carregando o meu endereço. Depois é que ele começa a mudar. Durante esse tempo que ele tá carregando o meu endereço, é como se ele tivesse dizendo que ele mora aqui. Então quando ele diz isso pra outras pessoas, ele acaba causando uma certa confusão. Porque... é... ele acaba dizendo que mora, ele tá no João Goulart dizendo que mora no CHP-2 e o vizinho, o mais novo que chega, diz a mesma coisa que ele porque recebeu dele essa informação. Eu acho que isso foi um pouco dessa... dessa... dessa transformação, desse crescimento. A população da comunidade acabou misturando os limites, embaçando os limites. Mas eu acho que o pessoal da associação de moradores deve ter isso mais claro. Até porque eles têm, eles fazem esse censo. Se eles têm que negociar com aquele morador porque tá reclamando de luz, porque tá reclamando de esgoto... porque... então ele tem de saber se é da área dele ou se é da competência do outro presidente. Tem de ter isso muito claro, senão ele também acaba trabalhando pra o outro, né, acaba invadindo o espaço do outro. Eu acho que o pessoal da associação tem mais condição de estar dizendo isso.

TF – Eu acho que hoje a gente já podia dar uma parada, né, já estão todos exaustos, né, e aí a gente continua numa outra oportunidade. Obrigadíssimo. (*interrupção da fita*)

*Essa fita não foi gravada integralmente (aproximadamente 32 minutos)

Data: 12/04/2004

Fita 4 - Lado A

TF – Projeto História e Memória das Comunidades de Manguinhos, no dia 12 de abril de 2004. Entrevistado por Tânia Fernandes, Fábio Souza e Michele Soares. Fita número 4. É... Gleide, então vamos começar aqui nossa fita, a nossa conversa, trabalhando um pouco a questão de Mandela de Pedra, que você tinha comentado aqui em *off* sobre a comemoração do aniversário da Mandela etc...

GG – É, do Conjunto Nelson Mandela, na verdade. Porque o Conjunto Nelson Mandela, ele foi inaugurado no dia 9 de abril...

TF – De... que ano?

GG – De [19]90. E foi ocupado no dia seguinte. Inaugurado com toda a solenidade, presença de prefeito, secretariado... e foi ocupado no dia seguinte pelas primeiras famílias que ocuparam até a... como já foi dito, até a altura da creche. E desse tempo, todos esses 14 anos que eu vivi ali – agora tô morando no Samora Machel há 2 meses – que eu me recorde, nós localizamos duas... dois eventos de comemoração do aniversário do conjunto. O último foi em 2001, quando... com a participação da Isabel, a gente fazendo parte de um fórum de Manguinhos é..., dentro da organização do fórum, achamos interessante como um motivo pra estar mobilizando a comunidade, promover o aniversário do conjunto. E aí nós... saímos é... atrás de parceiros e organizamos uma... um dia de eventos com a participação de escolas locais, de CEMASE²⁵, de creche... de ente... de associação de moradores, de entidades, né, à volta, apoiando um dia de comemoração no Mandela.

TF – Vocês organizaram a partir da associação de moradores ou foi uma iniciativa de um grupo?

GG – Do fórum, foi uma iniciativa de um grupo.

TF – Fa... Um grupo que estava ligado ao fórum?

GG – Isso.

TF – Fala um pouquinho do fórum também, por favor.

GG – O fórum foi organizado por... foi orientado pela Fundação Bento Rubião pra dinamizar o DLIS-Manguinhos, né? O fórum, ele foi um resultado de fóruns locais, né? Aconteceram várias reuniões em associações de moradores, de fóruns locais que discutiam as questões daquela comunidade que elegia representante para o fórum de Manguinhos,

²⁵Centro Municipal de Atendimento Social Integrado

cada associação contribuiu elegendo uma pessoa pra o fórum de Manguinhos e depois se instituiu um fórum permanente do DELIS-Manguinhos.

TF – Então o fórum era ligado à Fiocruz.

GG – É, a Fiocruz tá... tá trabalhando o DLIS, então o fórum, ele é... é fórum de Manguinhos, ele é independente, mas ele trabalha, assim como a... a... Fiocruz faz parte, trabalha o DLIS, o fórum também trabalha o DLIS. Estamos todos entrelaçados, né?

TF – O fórum é um espaço político-social.

GG – Social... comunitário, né? Ele tem representantes de várias comunidades, de vários... várias entidades dentro dessas comunidades. Quer dizer, não só associação de moradores, mas tem grupos de mulheres. Grupo de mães, tem representantes de creches, de CEMASEs, de escola, de igreja... Tem vários representantes de... da liderança local, né? Eles atuam nessa região. E a Isabel, Isabel Cristina Martins²⁶, a gente estava trabalhando juntas, nessa ocasião também surgiu o Coletivo de Mulheres... ele também ajudou, apoiou bastante e nós fizemos essa... promovemos essa... esse dia de festividade do aniversário do Conjunto Nelson Mandela. Desde então não vejo assim nenhuma outra entidade trabalhando essa questão. Eu acho que seria muito interessante que as entidades estivessem todos os anos reunidas, discutindo a... a questão do... do... Conjunto de... do... Nelson Mandela pra gente ver, são 14 anos né, pra gente estar avaliando todo esse processo até pra saber até aonde foi legal, como é que tá a questão de saneamento básico, a questão do tamanho de casas, como é que se discute isso, que elas são muito pequenas, como ampliar a... o inchaço do conjunto, ele... ele teve um crescimento verticalizado muito grande... que impacto causou nessa região na questão de escolas... Por exemplo, quando nós viemos pra o Nelson Mandela, nós fizemos um levantamento, um grupo de mulheres, um grupo de mulher pra mulher, primeiro grupo organizado que... que a gente organizou nessa região. A gente fez um levantamento pra saber o número de crianças... assim, pra entregar pra Secretaria Municipal de Habitação dizendo: “Olha, nós temos um Censo, né, temos tantas crianças em idade escolar.” E fizemos também esse mesmo Censo, voltado pra à adolescência. Porque nós percebemos que... há muitos jovens assim, ao cair da noite, a gente via atravessar... – nós mudamos em abril, o ano letivo já havia começado – atravessar indo pra as mais variáveis escolas aí à volta, né? Muita gente que vinha do Jacarezinho, que tinha que atravessar todo o Jacarezinho pra ir lá pra uma escola que tem lá no bairro de Jacaré mesmo, não é na Favela do Jacarezinho. Lá no bairro de Jacaré, quase que chegando no Rocha. Então a gente fez um levantamento na expectativa de que a escola que estava sendo construída, que é a Escola Maria Cerqueira pudesse estar também se desdobrando e... e... proporcionando... o Supletivo, abrir um espaço pra o Supletivo. Era a nossa grande esperança porque a gente via muitos jovens, muitas pessoas adultas, né, porque os adultos estão voltando à escola tentando terminar o seu primeiro, seu segundo grau, poder estudar próximo de casa e isso nunca aconteceu. Michele.

MS – Mas chegou a ter (Inaudível). No começo teve.

²⁶ Participante do Projeto DLIS - Manguinhos

GG – Mariano Cerqueira? Não.

MS – Teve um tempo que tinha a noite.

GG – Não, Mariano Cerqueira eles até sinalizaram que ia fazer, abriram espaço senão me engano pra fazer algum outro tipo, mas Supletivo não chegou. Porque pra ter Ensino Supletivo tinha que ter acordo entre o governo do estado e o do governo do município. O Supletivo é da competência do estado. E a escola Municipal, a Escola Mariano Cerqueira é município. Então, houve até uma tentativa, mas não passou dessa tentativa. Outra coisa que queríamos também era uma escola de 5^a à 8^a. A Ma... Maria Cerqueira a princípio oferecia isso. Mas depois eles fizeram uma obra e pegaram a 4^a CRE²⁷, esteve funcionando aqui, depois levaram de volta, e voltaram a oferecer somente de 1^a à 4^a e agora com a nova lei de diretrizes bases da educação é..., tá entrando também o Pré-escolar. Então as crianças entram com 4 anos e saem quando estão concluindo a 4^a série. É o máximo. Quer dizer, eu... eu penso se o fórum que ainda se reúne, mas se as associações de moradores aproveitassem essas datas... – associações só não, todas as entidades – aproveitassem essas datas pra estar sentando e discutindo essas questões e tantas outras, seria assim fundamental pra o nosso desenvolvimento local. Né? A gente tá discutindo educação, tá discutindo saúde... tá discutindo saneamento, tá discutindo violência, agente tá... discutindo as nossas questões, mas infelizmente a gente tem assim... é... ‘n’ motivos pra não estar participando ou não estar organizando, que no fundo acabam nos atrapalhando. São motivos que a gente olha pra trás é vê “Realmente, é realmente, não valeu a pena...” porque muita reunião promovida por liderança comunitária tá infiltrada, tá distorcido o objetivo..., mas eu acho que com tudo isso a gente acaba perdendo muito. Se a gente tivesse encarado toda essa situação a gente perderia menos. Estaria trabalhando muito...

TF – O que é que é “encarar essa situação”, como você me diz isso?

GG – É porque eu falo um pouco de mim. Às vezes eu vou muito animada na política comunitária, vou assim com tudo, eu acho legal, “é isso mesmo”... Como no começo das reuniões do fórum, eu participava. Mas de repente eu começo a ver certas coisas que desanimam. Começo a perceber que tem pessoas envolvidas na... nos... nos trabalhos e que têm um objetivo distorcido, elas estão querendo alguma coisa para si e não para o coletivo. Né? E aí isso começa a desanimar. Ou quando as pessoas não esclarecidas acabam é... é... canalizando uma... uma... certa simpatia, uma certa facilidade de convencer pessoas, canalizam para política partidária, que descaracterizando também. Ou ainda, quando as pessoas se aproveitam daquele espaço e... de alguma forma nos vendem pra o poder paralelo, né? Comprometem o nosso nome com o poder paralelo. Num... num... não sabe trabalhar com isenção. Não sabe trabalhar para o todo, tomando todos os cuidados que a gente tem que tomar para que o todo seja é... enriquecido com o seu trabalho. Então desanima, abate, aí a gente dá uma recuada. Só que eu acho que... tá errado. Eu acho que com tudo que desanima e abate, a gente até merece um tempo pra parar, dar uma pensada, mas não pode desistir porque a gente acaba perdendo muito. A gente perde mais do que

²⁷ 4^o Coordenadoria Regional de Ensino.

ganha quando desanima, quando volta, quando dá um passo atrás. Mas essas coisas realmente abatem um pouco.

TF – Deixa eu te fazer a seguinte pergunta: o fórum, ele não foi só do Mandela de Pedra.

GG – Não. Não foi só do Nelson Mandela o Fórum...

TF – Nelson Mandela. Ele congregava todas as comunidades de Manguinhos.

GG – Todas, todas.

TF – Era um fórum de Manguinhos.

GG – Isso.

TF – Representado pelas associações de moradores ou outro tipo de representação assim como esse que você tá dizendo?

GG – Todo tipo de representação. Quando o... a Fundação Bento Rubião veio descobrir e despertar e mobilizar a liderança para organizar o fórum de Manguinhos é... isso foi feito por etapas e uma das etapas era... era... a organização de fóruns locais. A organização de fóruns locais. Então em todas as comunidades houve reuniões do seu fórum. Um calendário de reunião dos fóruns foi... foi criado, houve reunião no Mandela de Pedra, no Nelson Mandela, no Samora Machel, em todas as comunidades de Manguinhos. Reuniões pra se tirar uma liderança daquele fórum...

TF – Agora, a liderança não era necessariamente da associação de moradores.

GG – Não. Não precisava ser. Não precisava ser. E... e... dessas lideranças seriam retirados os representantes do fórum de Manguinhos, né? Porque não dava pra ter treze lá. Somos treze comunidades. E crescendo sempre, que antes a gente não tinha a CONHAB e se nós tivéssemos fechado em treze a CONHAB já estaria de fora.

TF – Esse lá que você coloca é o quê? O fórum, mas o fórum fisicamente estava localizado aonde? O fórum acontecia aonde?

GG – Nos espaços que têm na comunidade pra se fazer reuniões. Fizemos reuniões no CIEP, no CCDC²⁸...no CCAP, na própria Fiocruz... Quer dizer, aonde fosse possível reunir. Não havia um vínculo com uma comunidade. Havia o fórum de Manguinhos reunindo (Inaudível).

TF – Isso foi em que ano?

GG – ... Foi recente. Não me lembro o ano. Mas ele foi organizado (Inaudível)...

²⁸ CCDC – Centro Comunitário de Defesa da Cidadania.

TF – E existiu um fórum só. Ou foi uma... digamos, um conjunto de seminários que aconteciam regularmente?

GG – Foi um conjunto. Foi um conjunto...

TF – Mas foi uma vez só.

GG - ... É, eu acho que... que foi assim, foi uma vez só. Eu, como eu te disse, eu perdi um pouco o contato com isso, porque me aborreci. E também porque... como essas reuniões eram itinerantes, justamente com esse objetivo de não prender o fórum numa só comunidade, como ficava muito distante pra mim, por exemplo, uma reunião na Vila São Pedro ou na Comunidade Agrícola de Higienópolis, pra mim era impossível comparecer! Eu tinha que buscar criança na creche aqui, não podia estar duas da tarde lá porque eu não voltaria em tempo. Então acabei me desvinculando e quando foi criado o Coletivo de Mulheres, inclusive, eu não estava participando do fórum. O Coletivo de Mulheres já saiu do fórum de Manguinhos. Mas foi um conjunto de vários seminários que culminou com a criação do fórum de Manguinhos e desde então ele vem... já tem um tempo inclusive que ele não vem se reunindo. Não me lembro quando foi a última reunião do fórum de Manguinhos, mas... ele vinha periodicamente se reunindo aonde fosse possível. Fosse no CCDC, fosse num CIEP, fosse no CEMASE, fosse na Fiocruz... discutindo as questões de Manguinhos. Mas já tem um tempo que ele não se reúne. A comissão executiva do fórum, né, foi criada uma comissão executiva.

TF – Tá. Bom, aí você estava com... colocando, voltando ao iníciozinho da sua fala, que... das comemorações do Nelson Mandela, né? Então vocês tiveram algumas comemorações, e por que é que não teve mais? Por que você acha que... não aconteceram outras comemorações?

GG – Eu não sei dizer. Eu... eu não sei bem o que se passa na cabeça de quem... de quem... eu acho que alguém tem de levantar essa bola, né? Não adianta ter assim... ter um cargo de liderança, mas não... não querer liderar, não querer pensar nisso. A última vez que foi organizado o aniversário que fomos eu e Isabel e conseguimos sair mobilizando todo mundo, fomos falar com o COOTRAN, falar com as escolas, falar com Fiocruz, falar com todo mundo, nós não éramos... não tínhamos uma... um título de liderança comunitária, não éramos presidente de grupo nenhum nem nada, e achamos que era interessante fazer. E procuramos mobilizar pessoas, entidades que quisessem fazer e fizemos. Acho que falta um pouco de interesse de quem tá liderando. Acho que... a... o... o presidente da... da associação de moradores, os diretores das associações de moradores locais e principalmente do Nelson Mandela, devia estar atentando pra isso. Seria uma coisa que ele precisava fazer até pra estar trazendo pra junto de si a comunidade! Porque fica muito... muito fácil, ao mesmo tempo difícil, estar gerenciando as coisas de uma comunidade isolado dela. Fácil porque aí faz o que da na cabeça! E... “reclame com o bispo”. E difícil porque muitas das vezes precisa do apoio popular e não vai ter! Porque nunca procura, ele não quebra essa barreira, não se aproxima dessa... desses moradores. Acho que o aniversário do conjunto

seria uma excelente oportunidade pra estar quebrando essa barreira e criando essa proximidade.

TF – As outras comunidades têm essa... esse tipo de atividades ou de comemorações ou qualquer coisa?

GG – (risos) Que eu saiba não. Eu acho que essa coisa tá morrendo um pouco. As pessoas...

TF – Nunca tiveram nenhuma atividade que congregasse, a não ser o fórum, as outras?

GG – Olha, eu não me lembro, não me lembro de nenhuma outra atividade assim que marcasse, que mobilizasse uma comunidade em torno de uma data. Não me lembro. Pra dizer a verdade eu nem me lembro quando é assim, passou pela minha cabeça agora, eu não sei quando é o aniversário da Escola de Samba de Manguinhos. Seria uma oportunidade também. Sabe, eu acho que... pra gente, em família, aniversário não é uma data legal, que a gente chama familiares e amigos... não é uma coisa legal? Então eu acho que o aniversário de uma comunidade, de uma organização, né, o grupo tal, com tantos anos, foi organizado no ano tal... falar da história desse grupo é uma oportunidade de estar discutindo as questões desse grupo e do que tá à volta dele. Mas eu não vejo isso acontecer mais não. Acho que ficou meio que no esquecimento. E aí fica difícil estar mobilizando a comunidade, né. Porque as pessoas... desmotivam. Eu acho que a gente tinha que estar fazendo festa sempre. E aproveitando todos os momentos de festa pra estar discutindo tudo aquilo que nos incomoda ou que seja legal pra nós. Um pouco, parece, que perdeu um pouco esse gosto pela festa.

TF – Então vamos lá continuar o nosso passeio pelas comunidades? Estávamos...

GG – A gente deu um passeio aqui no CHP-2 [apontam para o mapa que mostra todas as comunidades] e ficou... eu não sei se a gente fala do que está mais próximo do CHP-2 que é o... conjunto dos Ex-combatentes e da Vila União, ou se a gente vai pra mais distante...

TF – Não, eu acho que a gente podia fazer perto.

GG – Perto.

TF – Eu acho que sim. Tem uma lógica, ou não. Tem uma lógica ou não parecida, então...

GG – Eu acho que tem uma lógica sim, até porque é perto geograficamente e é perto também na questão tempo. Porque a Vila União e o Conjunto dos Ex-combatentes, eles têm mais ou menos a mesma idade que o CHP-2. Eles chegaram na mesma ocasião. E, quer dizer, primeiro o Conjunto, né, que foi construído... na verdade, quando nós fomos lá: eu, Michele, o Wagner e Silvana – a Consuelo também foi? – eu, Michele, Wagner e Silvana. Quando nós fomos ao Ex-combatentes nós descobrimos que lá não tem um conjunto só. Tem os conjuntos dos Ex-combatentes que é da adutora, mas próximo à adutora, né, e tem outros conjuntos de um prédio ou de dois prédios, de outras entidades. Tem conjuntos da antiga COHAB, tem da Casa da Moeda, tem o Conjunto Tiradentes e ainda tem um outro

que o rapaz ficou de dar o nome pra gente e eu ainda não voltei lá pra pegar. Quer dizer, tem outros conjuntos...

TF – Mas seriam prédios assim como o da CONHAB, prédios abandonados que a população tomou conta ou não?

GG – Não. Foi construído pra aquela população.

TF – Construído por quem? Pelo Estado?

GG – É. Pelo Estado...

TF – Não foi invasão...?

GG – Não, os prédios não. O Conjunto dos Ex-combatentes foi construído para os ex-combatentes.

TF – Não o dos Combatentes eu sei, mas esses em torno?

GG – Esses em torno foram construídos pra ex-funcionários do governo do estado: Casa da Moeda, COHAB, pra um outro tipo de funcionários...

TF – Ah então não se classificam... não... não estariam incluídos nessa idéia de favela.

GG – Não.

TF – Porque o Conjunto dos Ex-combatentes também não, é um conjunto operários, digamos assim.

GG – É, seria isso.

TF – Mas com prédios, com... um tipo de estrutura urbana que não é essa estrutura das vielas..., né?

GG – Não, totalmente diferente. Tem os prédios, tem escola, tem praça...

TF – Não está dentro dessa nossa soma de comunidade.

GG – Não, não tá.

TF – Então essas que você colocou aí, que na realidade você disse: “Não, não são só os Ex-combatentes, tem outras coisas em volta...”

GG – Tem, tem outras em volta. Quer dizer, foi um... um Conjunto... Eu não sei bem a história, mas parece que ao construir o conjunto... os prédios para os ex-combatentes, sobrando o terreno, outras entidades é... também aproveitaram aquele espaço pra estar

construindo pra os seus funcionários, no caso. Funcionários da Casa da Moeda, funcionários da COHAB... Parece que foi mais ou menos isso.

TF – E olha só, a Isabel havia colocado num outro dia pra gente... – Isabel, e Consuelo também partilha dessa idéia – de que é muito comum onde há uma forma de construção legal, digamos assim, né, essa palavra é horrível, mas digamos... organizada pelo Estado... é... que sobra um espaço em volta, dá possibilidade desse espaço... dá possibilidade e dá percepção de que isso acontece sempre, de construção... meio por... invasão, do espaço que está em torno desses prédios.

GG – Mas isso aconteceu em relação ao Ex-combatentes e esses prédios, a Vila União.

TF – Pois é.

GG – A Vila União é isso. A Vila União é exatamente...

TF – Então seria entre o Ex-combatentes, esses outros prédios de funcionários de instituições, haveria então espaços de invasão...

GG – Isso. Quer dizer, primeiro surgiram os prédios e o que sobrou à volta, que na verdade está... na beira do rio Jacaré, foi invadido. Quando nós estivemos lá, o presidente da associação de moradores do Ex-combatentes e Vila União, que ele diz que congrega as duas comunidades, ele disse que na ocasião que esse espaço foi invadido a gente pensa até que foi por filhos dos moradores dos prédios. Ele diz que não, ele falou: “Olha, na verdade não. O que aconteceu aqui foram pessoas... – a mesma coisa de Greenville – pessoas que moravam de aluguel, moravam de favor, moravam com parentes em outros lugares, viram a possibilidade de construir aqui, vieram construíram e acabaram, geralmente nordestinos, acabaram trazendo também suas famílias o que deu origem a esse anel de invasão em torno desses prédios.” Ele disse pra nós que nesse... nessas casas da Vila União só tem seis famílias de... de... descendentes do Ex-combatentes. E que ele pode apontar cada uma. Ele mesmo foi um dos que saiu do prédio e montou casa fora, na Vila União, e... depois que cresceu e tal, ele vendeu essa casa e voltou pra os prédios. Comprou outro apartamento nos prédios. Mas que... não foram os... os... filhos ou descendentes dos... dos moradores dos prédios que invadiram à volta não. Foi uma invasão exatamente como a Consuelo e a Isabel comentou. Dessa coisa do êxodo rural mesmo: vem um, encontra o espaço, constrói, toma o espaço do lado, vende, traz a família, aluga, e quando pensa que não, tá toda a região à volta...

TF – Se aproxima pela estrutura urbana também, digamos assim. Escola, comércio, trens...

GG – É... exatamente. E onde tá o Ex-combatentes e a Vila União, tem um ponto muito bom. É de cara com a Suburbana, Metrô passando próximo, trem na frente, trem atrás... tá ótimo! Bom pra caramba! (risos) Então ficou assim, facilitou essa ocupação toda à volta. E tem uma estrutura boa, a Vila União tá bem estabelecida, não tem barracos... Tinha, mas foi tirado, né, quando tiro... é... quando trabalhando lá nas margens do Jacaré, foram tirados barracos... e só ficaram mesmo as casas numa situação melhor.

TF – Mas (inaudível) na beira do rio também, ainda? Tem muita casa na beira do rio?

GG – Tem, mas ela não sofre muito com... ela não tem problemas de enchente não porque ela não tá dentro do rio, ela tá numa beira do rio que tá... é... com a sua vegetação plantada lá direitinho, assegurando e tal, ela não tem.

TF – E esgoto?

GG – O esgoto é aquilo... Eu acho que o Rio de Janeiro não tem um sistema de esgoto muito legal não. Eu acho que em qualquer lugar a gente vai encontrar vala, vai encontrar o esgoto sendo jogado *innatura* dentro de rio. Porque pra todo canto a gente vê isso. Então eu começo a não estranhar, o que é horrível, mas eu começo a não estranhar quando eu vejo o esgoto jogando dentro do rio. É ruim, mas eu vejo tantos esgotos jogados (risos) que acabo achando que... não é normal, mas já começa a entrar no aceitável. Infelizmente, né?

FS - (Inaudível)

GG - É, nós fotografamos a beira do rio, o Faria-Timbó, o esgoto da Fiocruz caindo dentro do rio. Tá lá, tá registradinho. As tubulações enormes da Fiocruz jogando pra dentro do rio. A gente fica assim meio... inclusive na... numa enchente que teve, no final do ano passado, eu e a Consuelo fomos correndo que nem uma maluca pra rua pra ver o resultado disso, como é que estava reagindo a comunidade com essa enchente. Aí que nós vimos que a Varginha não precisa de muita água pra encher, porque a água volta pelo esgoto... ela volta, a Varginha estava cheia, nós fomos até a beira do rio Jacaré, as crianças estavam pulando da ponte, fazendo surf nas águas do rio Jacaré, aí nós fomos até a beira do Faria-Timbó e o que estava rolando de água pra dentro do rio, estava uma festa! Os esgotos da fiocruz jogando água à vontade pra dentro do rio Faria-Timbó. E é um rio que... volta e meia tá sendo dragado, tá sendo tratado, as margens dele estão todas cimentadas, tem pistas ao longo da margem... mas é isso, a gente acaba não gostando, mas se acostumando a ver essa coisa do esgoto sendo jogado dentro do rio. E o esgoto da Vila União deve ser jogado dentro do rio sim.

TF – E o abastecimento de água?

GG – Não é ruim. Pelo que eu vejo, aonde eu sei que por aqui tem problema de abastecimento de água é só no Amorim. Porque toda essa região aqui não sofre com falta d'água não.

TF – Mas é água encanada?

GG – Água encanada.

TF – E luz?

GG – Já sofreu muito.

TF - (Inaudível)

GG - Não! Vila União e Ex-combatentes, não, não sofrem, não tem problema de queda de energia não... até que tem uma estrutura boa, tem um... Eles têm uma... vidinha até muito legal lá. Eu gostaria de morar na Vila União. Mais próximo da Suburbana, é um... lugar... Eu inclusive estava procurando casa tanto no Amorim, quanto na Vila União.

TF – E a violência lá?

GG – Contida. O Velho contou pra gente que, olha só...

TF – Quem é Velho?

GG – Presidente da associação de moradores da Vila União e dos Ex-combatentes. Nos anos [19]70 e 80, e até 90, aconteceram muitos episódios de guerra entre Manguinhos e o Ex-combatentes. Essa geração mais nova, daí o depoimento do Wagner que foi pra o relatório do nosso seminário em dezembro, falando que ele nunca tinha entrado lá porque ele achava que era ruim, mas quando ele entrou, ele viu que não era nada disso. Por quê? Esse rapaz, o Velho, o presidente da associação, estava contando pra gente que nesses anos, os garotos do Ex-combatentes jogavam bola, brincavam com os garotos do CHP-2, de Manguinhos. Havia uma amizade das famílias, não tinha rixa nenhuma. Mas acontece que... alguns garotos, pra dizer a verdade: um, do Ex-combatentes, ele entrou pra polícia e aí criou problema. Porque à medida em que ele entrou pra polícia, (risos) os outros entraram pra marginalidade. Então criou uma rivalidade meio estranha entre as duas comunidades. E esse menino que entrou pra polícia, ele entrou... mas não deixou de ser um marginal. Porque ele começou a fazer besteira mesmo. E ele... ele começou... começou a... a... criar e depois alimentar uma rivalidade entre as duas comunidades. Então houve um tempo em que não se atravessava de jeito nenhum do CHP-2, principalmente, que é bem vizinho, pra o Ex-combatentes, ou pra Vila União. Os garotos morriam de medo porque essa figura matava mesmo, covardemente, organizava quadrilhas, de vez em quando ia lá em Manguinhos dar um monte de tiro, prender, bater, pintava o sete! Entrou criou essa rivalidade. Acontece que chegou a um ponto em que os... os moradores da Vila União e dos Ex-combatentes começaram a perceber que isso estava fazendo mal pra eles também, porque tinha represália. E aí começaram eles a reagir contra essa figura, né, e aí quando a própria comunidade começa a reagir contra o... o desordeiro local, ele perde apoio. E aí ele foi enfraquecendo, o nome dele foi caindo na... no esquecimento e hoje em dia não tem mais problemas, eu vou no Ex-combatentes, eu vou na Vila União e vejo os garotos...

TF – Ele cara ´tá na polícia ainda?

GG – Ele foi expulso da polícia! Pintou tanto que foi expulso da polícia. Então hoje a gente vê os garotos circulando, de Manguinhos circulando nos Ex-combatentes e vice-versa sem problemas. Ainda existe quem, por conta dessa... dessa história toda, ficou uma lenda, ainda tenha medo de entrar. Eu entrei com uma menina que é amiga minha, atravessei com ela, ela: “Gente, tem anos que eu não venho aqui! Tem mais de 20 anos que eu não vinha

aqui porque morria de medo de atravessar por aqui.” Ainda tem quem tenha esse medo. Mas também já existe um pessoal que... que foi criado já numa fase em que esse medo estava em decréscimo que não tem mais nenhum problema de tá transitando entre uma e outra comunidade. Mas essa questão da violência, ela houve um tempo em que ela foi bastante... ela foi grande nem dentro dos Ex-combatentes, foi criada por eles, mas era fora, criava tumulto fora.

TF – Aí você tá falando de uma violência que não ‘tava ligada ao tráfico de drogas ou ‘tava?

GG – Eu não sei se esse... se esse elemento era do tráfico de drogas, isso eu não sei. Mas o que eu vejo lá, não tem lugar pra o tráfico de drogas mais se instalar, ele instala onde ele quer. Agora o que se vê nos Ex-combatentes é que a coisa tá bastante... contida. Você não vê ninguém armado andando por lá, não se vê tumulto envolvendo o nome do Conjunto dos Ex-combatentes, ou de Vila União... Até porque moram muitos militares, policiais... tem o Exército, o Exército tá logo ali na Suburbana, tem casas de militares reformados ali próximo... Então realmente inibe, assim... ações mais violentas do tráfico. Inibe. É claro que ele deve estar lá muito quietinho, talvez até, né, sendo comercializado pelos próprios moradores lá, mas... não é uma questão que se vê em outros lugares. Dá uma sensação de segurança. Eu passei por uma situação que eu achei inusitada, eu e Consuelo. Nós vínhamos, não sei se... de fora da comunidade, de ônibus e descemos em Cascadura pra pegar ônibus pra cá e estava-se dizendo que os ônibus não estavam passando na Democráticos. Estranhamos, não sabíamos por quê. E pegamos, conseguimos um que nos deixou... era pra a gente ficar na Suburbana e atravessar pra o Nelson Mandela, os ônibus ‘tavam retornando lá em Del Castilho. Encontramos um que nos deixou lá na... em frente a... à Vila Turismo. Bom, então vamos descer aqui e vamos a pé. Quando nós chegamos na... na... na Avenida dos Democráticos estava tudo escuro, um apagão, e quando nós conseguimos ver onde estávamos, estávamos no meio de um monte de policiais escondidos e falando baixinho, a gente ficou espantada com aquilo. Bom, qual era o problema? Manguinhos estava toda às escuras, tinha acontecido tiroteio, tinha tentativa de saque daquele mercado, acho que é Intercontinental, que tem lá perto da... na Vila Turismo, no final da Vila Turismo. Esqueci o nome daquela rua.

MS – (Inaudível) Aquele da Rede Economia?

GG – É, é da Rede Economia. (*pausa na gravação*) ...escolas foram fechadas, foi uma semana de tumulto em Manguinhos e eu e a Consuelo viemos dali... (*interrupção da fita*)

Fita 4 - Lado B

TF – Vamos lá... voltando aqui, vamos falar um pouco então da Vila Turismo e Higienópolis.

GG – Desse tumulto que eu estava falando?

TF – Dessa... desse... do desenho deles e da... da... (*pausa na gravação*) Então Consuelo... ô Consuelo?! Gleide, vamos voltar aí que tivemos um problema técnico. Você estava contando pra gente do dia que você estava com a Consuelo e tiveram dificuldade de atravessar...

GG – Manguinhos.

TF – ...Manguinhos e... escaparam, digamos, pela Ex-combatentes, estava comparando essas duas comunidades. Você retoma um pouquinho essa história?

GG – É, olha só é... nesse dia nós vínhamos de fora e os ônibus estavam retornando na altura de Maria da Graça, eles não estavam vindo nem até a altura da Suburbana, no encontro da Suburbana com a Democráticos. E... disseram que havia tumulto, tinha havido saque, tinha muita polícia na rua... Nós descemos em Maria da Graça, entramos pela... pela Capitão Bragança? Não. Tenente Abel da Cunha. Pra sair de frente à Capitão Bragança e... tivemos a surpresa assim de realmente encontrar tudo às escuras. Manguinhos toda estava às escuras: da capitação Bragança... até que faz limite da... da Vila São Pedro, até a... Avenida Suburbana. Quer dizer, toda a Favela de Manguinhos estava às escuras, tudo apagado. E muita gente na rua, aquele crime de tensão, muita polícia na rua e a gente não estava entendendo bem por quê. E decidimos entrar por dentro do Ex-combatentes porque estava com medo de cruzar Manguinhos porque a gente não sabia como é que tava. Escutávamos alguns tiros e não sabíamos como é que estava. Quando nós entramos no Ex-combatentes, nós tivemos uma surpresa muito interessante porque lá estava tudo normal, tudo calmo. A praça estava totalmente iluminada, os brinquedos, as crianças brincando nos brinquedos do parquinho, os casais namorando, as senhoras de idade vendendo suas coisas, batendo seus papos, fofocando... normalmente! Entrava-se e saía de casa de moto, de bicicleta, de carro e nós estávamos assim espantadas porque nós não conseguíamos entender como é que podia estar acontecendo uma... uma ilha de paz, quando à volta estava um tumulto, uma tensão muito grande. Aí nós atravessamos o Ex-combatentes pra poder pegar a passarela vermelha que liga Manguinhos com o outro lado, com o... CHP-2 (Inaudível) Manguinhos com o Conjunto Nelson Mandela e Samora Machel e atravessamos debaixo dessa tensão, dessa escuridão, a gente via sombra se mexendo, via o pessoal armado, escutava tiro... E nessa tensão toda, de cima da passarela deu pra ver toda a extensão de Manguinhos, tudo apagado... e a gente fica se perguntando, né, como é que pode, uma ilha de claridade, de tranquilidade cercada de escuridão e tensão por todo o lado. É um pouco isso que eu observei. Quer dizer, voltando a um comentário que eu já havia feito, pode ser e eu até acredito que tenha tráfico dentro do Ex-combatentes sim, mas tá muito contido, muito... muito restrito e não é como em outros lugares. A gente não escuta... você pode pegar os jornais e você vê: tem tumulto em outros lugares no Rio, mas no Ex-combatentes, na Vila União, não tem. Assim como não tem no Amorim. A gente percebe isso muito claro. À volta tem, ali não tem. Pode ser que aconteçam lá os seus problemas internos, mas isso não é como em outras comunidades.

TF – Tá. Então nós vamos lá pra...

GG – Vila São Pedro?

TF – Vila São Pedro.

GG – Vila São Pedro. É, você havia me perguntado por que é que Vila São Pedro faz parte dessa, desse Complexo de Manguinhos.

TF – É, quer dizer, essa palavra, essa terminologia de “complexo”, que a gente já tinha discutido em outra oportunidade, né, que é uma terminologia muito vinculada às atividades policiais, um controle policial de classificar essas comunidades como com... como complexos, né? E eu pergunto a você o seguinte: essa denominação, essa... essa comunidade de Higienópolis ela tá incluída só por uma denominação policialesca ou houve outro tipo de origem? Fiocruz, Censo, IBGE... Como me que é essa... por que é que Higienópolis está, por que é que a Comunidade Agrícola está incluída nesse nosso rol de estudo?

GG – Como eu tinha te dito, eu não sei bem dizer, eu sei que incluiu. A Isabel faz um comentário de que a... Bento Rubião precisava de um número ‘x’ de moradores pra encher lá um... um Censo do trabalho que eles estavam fazendo e aí incluíram essas duas comunidades. Mas a Bento Rubião apareceu agora nos anos [19]90. Já nos anos 80 é... é... a gente percebia uma tentativa da Fiocruz de ‘ta trazendo essas comunidades para dentro do que agora é chamado de “Complexo de Manguinhos”. Pra dentro dessa, de integrar esse grupo de comunidades de Manguinhos. E havia uma resistência, uma resistência desse... desse... dessas organizações, não sei se dos moradores, individualmente. Mas dessas organizações que... os atores sociais dessas comunidades, estão se integrando à comunidade de Manguinhos. porque a Fiocruz tentou colocar é... agente de saúde lá, dentro do projeto, agente de saúde da Fiocruz e... não vieram pessoas pra se candidatar. E aí ela... ela desdobrou, pegou pessoas que eram da... da Vila Turismo, que é mais próximo, e deslocou pra lá, porque realmente não houve interesse, né? E... o que eu vejo é assim: quando interessa, essa... esses atores sociais de lá se aproximam, mas não há assim, não se identificam bem com Manguinhos. Talvez pela distância, eu acredito que seja. É bem distante. Tem o Abrigo Cristo Redentor que nos separa, tem o rio Faria-Timbó também separa, eles estão bem mais próximos lá... de Higienópolis, de Bonsucesso, até de Inhaúma, talvez até pra... pro... pra recorrer à questão de saúde que é mais próxima do PAM de Del Castilho, do PAM de Ramos do que daqui. Né, estão, bem mais distantes de toda sua estrutura, suas escolas, mercados... eles estão bem mais pra lá, em direção a Bonsucesso, subindo, do que pra cá. Mas, estão incluídas entre as treze comunidades do Complexo de Manguinhos. E aí a gente...

TF – Essa diferença estrutural que você coloca é uma diferença física, de... de projeto urbano, ou é uma distância apenas?

GG – É uma distância, porque... o proje... não tem projeto urbano aqui (risos). Aquilo foi invasão. Tanto uma, quanto outra comunidade, pelo que nós levantamos lá no... no relatório Rápido participativo na Bento Rubião, foi invasão. De... da... Tanto da Vila São Pedro

quanto da Comunidade Agrícola de Higienópolis. E é bem semelhante a... às invasões como do Mandela de Pedra, como da CONHAB... não tem grandes diferenças.

TF – São vizinhos que assumem aquele espaço.

GG – Exatamente. Vizinhos, por conta de um... um problema... pode ser enchente, de incêndio... um problema que houve e que naquele momento tinha que se dar uma solução, uma moradia a quem perdeu a sua, e tinha lá terrenos...

TF – Daquele... dessas duas comunidades, particularmente, você sabe qual é a origem delas?

GG – É, são do Abrigo, Abrigo Cristo Redentor. Os dois terrenos, tanto de um lado quanto do outro.

TF – Eles invadiram o Abrigo Cristo Redentor ou ele deu essa...?

GG – Ah, diz aquele diagnóstico que na Comunidade Agrícola era uma horta organizada por um padre que resolveu depois dar o terreno da horta pra algumas famílias e aí a coisa perdeu o controle e acabou sendo invadindo todo aquele pedaço e o abrigo parece que abriu mão. Até porque o abrigo tem um monte de terreno lá que não faz nada com eles, né?

TF – Mas essa... essa versão é uma versão que a comunidade assume ou você já ouviu outra versão?

GG – Não... eu não me lembro de ter ouvido outra versão.

TF – Mas essa versão é uma versão que a comunidade...

GG – É... uma versão que a comunidade assume sim, de que foi... né, eles acabaram... quer dizer, houve resistência, tentativa de desmotivar, tirar, afastar, mas eles acabaram decidindo ficar.

TF – Resistência por conta do Abrigo? Ou não?

GG – Por conta do Abrigo. Porque o padre foi...

TF – O Abrigo fez resistência? Mas ele mesmo doou!

GG – (risos) Não, quem criou essa situação foi um padre, que viu a situação das famílias. Não foi isso que lemos? Um padre. Ele viu a situação das famílias e ele... acabou abrindo espaço pra algumas famílias... e isso... foi discutido na comunidade, pra beneficiar alguns, beneficia outros que estão na mesma situação e acabou gerando a situação de... de invasão. Mas o Abrigo resistiu a princípio.

TF – O Abrigo tinha muro? Muro... tijolo, cimento?

GG – Eu não me lembro... eu acho que...

TF – Essa invasão foi uma invasão... ela foi acontecendo... você tem recordação disso ou não? Ela foi acontecendo ou a população...?

GG – Ela foi gradativa sim. Eu acho que ela foi gradativa sim. Acho que foi primeiro aquele espaço que o padre deu, que era o espaço da horta e aos poucos foi, né, expandindo, expandindo... Pode ser que agora o Abrigo tenha acordado e tenha delimitado o seu... Porque o Abrigo está lá há tantos anos! Instalado ali, só tin... só tinha perdido um pedacinho à frente, pra Fundação Leão XIII e pra delegacia, o resto era tudo Abrigo, né? Ali na frente da Democráticos você tem a Fundação Leão XIII e a delegacia.

TF – Ele trabalha socialmente o Abrigo hoje em dia? Antigamente ele trabalhava.

GG – Eu acho que ainda trabalha sim. Tem um orfanato, tem asilo, tem uma... – como é que é o nome daquele lugar onde se tira título de eleitor?

TF – Região Administrativa?

MS – (Inaudível)

GG – Não. Zona Eleitoral. Tem uma Zona Eleitoral...

MS – Creche...

GG – Tem creche... Tem, tem trabalho social sim.

TF – E quem financia, você sabe?

GG – O Estado. O Abrigo Cristo Redentor é finan.... é financiado pelo Estado também. Parece que tem uma parte que é a Igreja, mas tem uma parte que é o Estado. Que eu me lembro que o **Colagrossi** foi presidente do Abrigo um tempo.

TF – E ele teve alguma relação com a Fiocruz em termos de trabalho social ou não?

GG – Não sei dizer. Sinceramente não sei dizer. Talvez até tenha. Eu não sei dizer.

TF – Que mais... teve uma ocasião que houve uma invasão embaixo daquele viaduto onde hoje em dia passa a Linha Amarela...

GG – Ah, era... Vila Verde!

TF – Pequeninho.

GG – Pequeninho uma uva! Eu entrei ali, aquilo ali era um mundo! (risos)

TF – Do lado direito de quem vai pra Bonsucesso.

GG – Exatamente. Vila verde, onde está a COMLURB agora, né? A COMLURB té... é... urbanizou aquele espaço, fez quadra de esporte... Aquilo era Vila Verde. Foi uma invasão de moradores tanto de Manguinhos quanto da... da Agrícola²⁹...

TF – Não, mas eu tô dizendo, indo daqui da Leopoldo Bulhões pra Bonsucesso, no lado direito, debaixo do viaduto, tem um pedaço pequeno...

GG – Era Vila Verde!

TF – Mas não tem quadras de esportes ali.

GG – Agora tem!

MS – Agora tem.

TF – Mas o espaço é pequeno! Então estamos falando... (Inaudível)

GG – Não, é lá mesmo! (Inaudível) Naquele retorno de quem desce da Linha Amarela...

TF – Eu sei.

GG – É exatamente ali.

TF – Tinha criação de galinha, plantação de milho...

GG – Tinha, tinha... E foi interessante, foi chamado de Vila Verde porque o pessoal invadiu, mas não acabou com as árvores. Né? Eles construíram entre as árvores. Eles foram indenizados. Foram removidos dali alguns com o dinheiro da indenização compraram casas aonde deu pra comprar, barracos em outras favelas...

MS – Alguns foram pra o Pinheiros também.

GG – Outros foram removidos pra o Pinheiros, quem não foi indenizado foi removido, né, ganhou casa mesmo. É. E aí, a COMLURB ocupou aquele espaço, colocou lá... não sei bem o quê, mas tem lá uns carros da COMLURB e fizeram uma quadrazinha de esporte, está até bonitinho, tá bem arrumadinho aquilo ali.

TF – Se você tivesse que comparar, Gleide, os dois complexos: Maré e Manguinhos, que tracejo, aí meu Deus, você faria de comparação? Você conhece Maré?

²⁹ A depoente refere-se a Comunidade Agrícola, que pertence ao complexo de Manguinhos.

GG – Maré eu não conheço, eu passei por lá. Eu já fui visitar uma ou outra pessoa, mas isso já tem muito tempo, tem quase 10 anos. E com... e conheço Maré do... das publicações de **CEAS**, das coisas que eu escuto falar da Maré.

TF – Porque a Fiocruz tem uma atividade também na Maré. Vocês não se cruzam através das atividades da Fiocruz?

GG – Não, até que não. Nós, nós pessoalmente, não. Se tivermos que desenvolver um trabalho lá, eu não tenho nenhum problema em ir.

TF – Não, não, eu tô dizendo que existem agentes comunitários da Maré trabalhando na Fiocruz, assim como existem funcionários...

GG – Tem, tem, tem...

TF – Através de trabalhos de agentes comunitários, vocês... esses dois complexos não são inter-relacionados, (Inaudível) atividades...?

GG – Eu não sei, sinceramente eu não sei dizer. Talvez até sejam. Há três... não– ih, tem mais tempo! – há seis anos atrás eu participei de um projeto da Fiocruz em que estava voltando pra encontrar crianças em faixa de desnutrição. Eles... eles acompanharam essas crianças por um tempo, o projeto parou e quando foi retomado, precisava voltar pra saber em que situação estavam essas crianças. Em toda essa região. Então eu acompanhei uma nutricionista e eu estive no Pinheiros, na Vila do João... estive rodando com essa nutricionista por todo esse conjunto mesmo de prédios que tem logo aqui atrás... é... estive rodando com ela o Mandela de Pedra... Manguinhos afora, rodei com ela. Quer dizer, assim como tem esse projeto, passei por esse projeto que tinha uma área de abrangência bastante grande, incluindo a Maré, eu acredito que tenham outras. A... a Casa de Oswaldo Cruz... a Casa de Oswaldo Cruz não, mas o Museu da Vida tem os jovens que são da Maré e que estão fazendo curso aqui... Eu acredito que tenham outros, agora é... é...o difícil de cruzar, eu achava até interessante que o PROVOC-DLIS pudesse estar cruzando, pra que a gente pudesse tá conhecendo o trabalho que acontece na Maré, os trabalhos comunitários, agente pudesse tá aprendendo um pouco com o que acontece lá porque a Maré deu um salto de qualidade muito grande, a Maré deu uma de Fênix, depois daquela situação que não está definida, a situação de violência que foi horrível pra Maré, isso parece que serviu pra dar uma despertada, dar uma... né uma acordada na... nas lideranças comunitárias que começaram a lutar pelo seu espaço, né? Houve um tempo que a gente pensava assim “Não quero morar aqui, quero ir pra longe porque isso aqui não é lugar pra eu morar”. Chega uma hora que não tem lugar pra eu morar porque a violência está em todo lugar, então eu tenho que brigar pra mudar esse meu lugar. E a maré começou a trabalhar... não definiu, a gente sempre houve falar de violência na Maré, há duas semanas atrás tinha seis corpos dentro de um carro – duas semanas não, semana-passada – foi encontrado na Maré. A gente vai continuar ouvindo isso, mas a... a coisa vai, a... a tendência é isso ir diminuindo ou pelo menos sofrendo um controle de tal forma que a gente consiga sobreviver. Então eu achava interessante que o PROVOC-DLIS tivesse levando seus jovens a tá conhecendo um pouco desses projetos sociais que acontecem na Maré. Eu acho que em relação à Maré, a gente tá

um pouco atrasado, a gente tá um pouco acovardado e encolhido. A gente... a gente tem, a gente precisava estar se conhecendo melhor, conhecendo melhor nossas raízes e tentando encontrar saídas pra tá resolvendo as nossas questões aqui, né? A Maré já tá aí implantando uma Escola Técnica e a gente não consegue ter uma escola de 2º Grau! A gente não consegue ter uma de 5ª à 8ª dentro de Manguinhos! Agente num... as escolas estão... ou próximas, fora de Manguinhos ou... a mais próxima ainda tá distante. E a gente tem escola dentro, poderia, né, estar expandindo, afinal de contas o CIEP tá aí, o... o de 5ª à 8ª está na... tá dentro da administração do ensino público municipal, tem CIEP, tem Mariano Cerqueira e não tem de 5ª à 8ª! Tem que ir pra Bonsucesso, né? Então eu acho que se a gente estivesse se integrando um pouco mais, talvez a gente conseguisse entender como foi que a Maré encontrou o caminho das pedras pra estar driblando essa situação da violência e sobrevivendo e tentando mudar essa realidade e tentar fazer o mesmo aqui. Eu achava interessante a gente conseguir fazer esse intercâmbio. Mas nós, eu acho que Manguinhos tá um pouco atrasado, tá pra trás, tá um pouco meio que meio... meio apático às nossas... às nossas carências, às coisas que a gente precisa mudar. Mudar a cara da nossa história.

FS – Você acha que a organização tá... tá... a organização que é menor, menos estruturada que a outra?

GG – Com certeza, com certeza! Tem um fato interessante... – eu volto a falar da Isabel que é legal falar – um fato interessante que aconteceu com a Isabel que ela saiu roxa de raiva da tal da reunião. O pessoal da Maré preparou todo um projeto pra implantação de uma Escola Técnica lá. Mas não foi uma coisa estudada tecnicamente, eles prepararam, eles sabem onde estão...

TF – Com o **CEAD**.

GG – Com o **CEAD**. Eles sabem onde estão os seus terrenos... fizeram todo o levantamento, levaram de... assim, pronto, com o governo do estado “Olha, tá aí, se vocês quiserem fazer vai custar tanto, pode levar tanto tempo, temos essa e essa situação...” Levaram tudo pronto. O pessoal daqui, quando viu isso achou interessante, mas por não ter maturidade, não ter um bom nível de organização, eles é... pensaram o seguinte: isso foi apresentado pra um político ligado ao governo do estado, eles aqui queriam também apresentar alguma coisa pra esse mesmo político, algum... algum... a... linguagem que se tem desse lado aqui é: “alguma coisa que se traga melhoria pra comunidade”. Esse discurso tá assim quase que impresso na cabeça deles. A ferro e fogo. E aí eles conversaram entre si e quando esse mesmo político veio pra cá perguntar “O que é que vocês querem aqui?”, porque também tem... ele na realidade ele não vai fazer. Não vai fazer, né, ele quer é ganhar voto. “Mas o que é que vocês querem aqui pra melhorar essa comunidade e tal...” Aí eles pensaram muito, coitadinhos, deve ter saído fumacinha da cabeça deles, e tudo que eles conseguiram produzir foi: “Nós queríamos mesa de ping-pong, de sinuca e de totó, pra poder tirar as crianças da rua e eles terem um lugar pra brincar.” Num dado momento, quando foi colocada essa reivindicação assim urgentíssima, a Isabel disse que levantou e foi embora porque ela não podia ficar ali perdendo tempo! Quer dizer, por aí você imagina, você pode ter idéia do que seja a... o nível de organização daquilo. O pessoal aqui tá pensando muito

pequeno. O pessoal aqui tem muita dificuldade de olhar mais pra frente. A gente tem aqui à volta terrenos que estão abandonados que a gente poderia ter uma bela de uma Vila Olímpica, não só pra fazer esportes, mas pra ter Escola Técnica, pra ter curso profissionalizante, pra ter capacitação pra jovens, pra adultos, pra mulheres que não conseguiram em tempo trabalhar, né, e tá aprendendo a... a... a tá conseguindo se capacitar pra ser alguma mão-de-obra que não seja só o trabalho doméstico. Pra homens que estão se aposentando e pudessem estar voltando ao mercado de trabalho em outra função, que não ficasse encostado dependendo de uma aposentadoria que vem só Deus sabe quando! Quer dizer, a gente tem, aqui, a gente tem o espaço físico, a gente tem a necessidade em si, mas o que tá faltando aí é as cabeças pensantes olharem pra esse lado. As pessoas estão muito preocupadas em quem... quem vai ser eleito, pra quem eu vou trabalhar, em quem eu vou votar, quem eu vou convencer pra votar em quem e acabam perdendo seus objetivos. Acabam não tendo, não definindo um objetivo. E aí a gente fica atrás.

FS – (Inaudível)

GG - Com certeza, é aí que desanima. Mas é nessas horas que eu volto a dizer aquilo que eu disse antes “mesmo desanimando, a gente recua... acaba perdendo... a gente perde muito. Agente perde muito. Eu acho que a gente tem que se dar um tempo, desanimou, respira fundo, tem que voltar e caminhar”.

FS – É uma luta contínua, você é... tentar incutir na cabeça dessas pessoas que elas têm que pensar pelo grupo, quando elas ligam a TV e vêem que no tipo de sociedade que elas vivem é o pensamento por si próprio.

GG – É. “Cada um por si e Deus por todos”.

FS – “Cada um por si...” Deve ser muito difícil. Que por mais que você passe horas falando lá, uma hora TV acaba com todo o seu discurso.

GG – Desarma tudo. Desaba tudo.

TF – Então quer dizer que nós passeamos por... caminhamos por todas elas? Você acha?

GG – Eu acredito que sim. Eu não sei se eu consegui dar uma pincelada legal porque eu não tenho grandes conhecimentos em algumas mais afastadas, mais novas. Mas o que eu entendo um pouco de cada uma foi o que eu pude falar.

TF – Tá ótimo. Se a gente depois tiver alguma colocação, a gente volta a fazer outra conversa...

GG – Eu acho que... é, tô disposta, mas eu acho que vai ficar melhor quando pessoas que estão nessas comunidades falarem mais, porque elas vão falar com mais propriedade. A gente consegue. A gente com um pouco de boa vontade a gente consegue uma de cada pra estar falando...

TF – Isso. Então tá. Obrigada.

GG –Valeu!

*Essa fita não foi gravada integralmente (aproximadamente 20 minutos)